

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL



NATAL DE 1924

ALMA NOVA

PROGRAMA: Contribuir para o ressurgimento nacional, despertando o culto das virtudes pátrias e o amor das coisas portuguesas

DIRECTOR ARTÍSTICO: J. SAAVEDRA MACHADO • **DIRECTOR LITERÁRIO E GERENTE:** MATEUS MORENO

DIRECTORES DE SECÇÃO: Di. Ascensão Mendonça (Ciências Naturais); Dr. Braga Paixão (Açores); Dr. Cláudio Basto (Minho); Eduardo Romero (Pintura); Francisco Santos (Escultura); Francisco Valença (Caricatura); Jorge Segurado (Arquitectura); Tenente José Brandão (Douro); Dr. José Guerreiro Murta (Letras); Dr. José Gonçalo Santa Rita (Colónias); J. Rodrigues Cosme (Teatros); Luis Chaves (Etnografia); M. A. (Modas); Dr. Maquias Pereira da Silva (Turismo); Nuno Cruz (Coimbra); Dr. Pedro Júdice e Samora Barros (Algarve); Dr. Teófilo Júnior (Pedagogia).

Representantes e Agentes nas principais cidades do País, Colónias e Brasil

Secretário: REBELO DE BETTENCOURT

III SÉRIE — N.^{os} 21 a 24 — Vol. II

Set.^o-Dez.^o de 1924

:: SUMÁRIO ::

	Pág.
Sacadura Cabral (com 1 fot.) — Redacção	93
Dia de Natal — José Guerreiro Murta	94
A Propósito do Ocultismo e Espiritismo — Dr. H. de Vilhena (c. r.)	95
Conto do Natal: <i>O Fracassado</i> , — Ferreira de Castro (com r. do A. e ils. de Sousa Gomes)	97
D. Silvana (conto para crianças), — Branca Lopes (c. ils. de R. Nobre)	99
Serenidade — Versos de João de Lebre e Lima	100
Album da Vida — Versos de Armando de Miranda (com r.)	101
Em louvor de Portugal no Brasil — Manuel Rodrigues Leal (com r.)	102
Interesses Portuguezes na América-do-Sul — J. M. de Bettencourt	103
Ferreira, cônsul de Portugal em Porto-Alegre (c. r. do A. e fot.)	107
Colónias: <i>Preparação e educação dos colonos</i> , — José G. Santa Rita (c. r.)	108
O Natal — Soneto de Leão Correia; Natal d'aldeia, José Guerreiro Murta	109
Missa do Galo (Açores), quadro de Domingos Rebelo	110
Arte: Exposição José Campas (com r., e repr. dos quadros «Brujes, do Silêncio...» e a «Buena-Dicha» Constância, — M. M.	111
Paísagem — Soneto de Emiliano da Costa (com ils. de Roberto Nobre)	112
Os nossos Poetas: Os Sonetos, Francisco Costa; Soneto de amor, Nunes Claro; <i>Ladainha da Saudade</i> , Adelino da Palma Carlos (com r.)	113
A Canção das Águas — Rebelo de Bettencourt (com r.)	114
Através das Províncias: No Minho — Caminhos de Ferro, Mário Gonçalves Viana	115
No Algarve: <i>De Vila Real ao Promontório de Sagres</i> , — Mateus Moreno	116
Albufeira: <i>Uma linda vista do Farol</i> (fot.)	118
Montemor-o-Velho (nóttula histórica, com ils.), — Emilio C. Rebelo	119
Guimarães (descrição da cidade e seus arredores, c. ils.), — M. Silva	120
Silves — Pedro M. Júdice, (com ils.) — Continuação	121
Notas	123
Uma prima de Eça de Queirós (com fot.)	124
Crónica dos Livros — José Guerreiro Murta e M. M.	125
Teatros, música, cinemas (com um ret. de D. Lucília Simões)	126
Notas subsidiárias para uma Bibliografia Portuguesa da Grande Guerra (cont.), — Tenente José Brandão	127

Capa: N.^a Senhora com o Menino de Jesus, de Bellini.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal e Ilhas, Semestre (6 n. ^{os}) \$500; Ano (12 n. ^{os})	15\$00
Colónias e Espanha (só assinaturas anuais)	20\$00
Brasil e restantes países (idem)	25\$00

NÚMERO AVULSO, 1\$50

Propriedade e edição da Empresa Cooperativa de Arte e Publicidade "Ressurgimento,"

A "ALMA NOVA" só publica colaboração solicitada

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL

III SÉRIE

LISBOA—DEZEMBRO DE 1924

NÚMEROS 21-24



SACADURA CABRAL

As primeiras palavras de hoje, não podemos deixar de dedicá-las à gloriosa memória do nosso querido aviador Sacadura Cabral, cujo misterioso desaparecimento, no Mar do Norte, vítima de um desastre em pleno voo, acaba de encher de luto todo o país. Que para a sua imagem heroica e a do seu malogrado companheiro, o cabo Correia, reservem, pois, nesta data, um cantinho de perene saúde todos os corações portugueses.

DIA DE NATAL



Dia de Natal, dia de Amor! A mesa do pobre camponês ou do lavrador remediado, coberta com um velho *serradeiro* ou uma alva toalha de linho, tem o mesmo ar festivo que a aparentosa mesa do rico. Não ostenta, como a deste, cristais, vinhos finos e flores, mas tem o vinho que lhe produziu o seu *bacelo* e o perfume da satisfação que gerou o seu trabalho honrado. A alegria é como a modesta violeta, não nasce apenas nos jardins animados das cidades, brota também por entre os valados da serra.

Janta-se, come-se como em nenhum outro dia. Pronuncia-se satisfadosamente o nome dos ausentes e fala-se com tristeza fugitiva dos que não vivem. Ali à mesa está toda a família—os ausentes e os mortos—na memória e no coração. Até os levianos e os maus são lembrados: a filha que não seguiu os conselhos da mãe, desprezando o lar; o filho que o acaso ou o instinto atirára para o cárcere. E este sofre por sua vez nesta hora o peso dos muros da prisão. Longe dos pais, dos irmãos, dos filhos ou da esposa, o próprio criminoso, embora possua um coração de fera, reserva no dia de Natal um canlinho amoroso para sua família. As afeições do lar aninham-se em todos os entes humanos, por mais cruéis, por mais incultos, ou por mais selvagens que sejam.

Conta-se que um preto do Senegal viera trabalhar para França. Acometido pela tristeza vagueou pelos bosques, devorando maçãs e castanhas, até que por fim foi recebido como criado numa casa fidalga. A todo o momento o negro no seu mau francês deixava compreender os nomes de sua filha e de sua mulher. Os patrões condoeram-se dele e quiseram dar-lhe dinheiro para se transportar à sua terra. E ele respondeu: *Vous bons, vous bien bons, mais moi mourir de chagrin.*

A' tarde, quando jantava na cozinha, pediu uma faca para cortar a carne... e cortou as goelas.

A festa do Natal não aparenta a pompa artificiosa das outras festas. Irrompe da alma, espontânea como o veio da água irrompe do seio da terra. E' o próprio coração a festejar-se. Festas grandiosas teem sido feitas através dos tempos; mas em geral sem a grandeza da sinceridade, nem a simplicidade eloquente da Religião. Li, há pouco, na história de França, que Carlos VI, quando concedeu ao seu filho, duque de Anjou, a ordem de Cavalaria, realizou festas que ficaram célebres. Ao despedir-se dos seus convivas o rei deu às damas jóias lindas e aos cavaleiros, o beijo da paz.

Não se vê nas festas do Natal gesto tão nobre, tão cavalheiresco, traduzido num beijo de paz; mas à mesa sentam-se quasi sempre todos os filhos—as jóias de uma mãe, segundo a matrona Cornélia—e surge em cada peito um ósculo espiritual de amor. A apaixonada infeliz acaricia um pensamento de perdão para o seu namorado ingrato e o lavrador honrado, ao ver passar o seu vizinho com quem se pôs mal por causa do seu rebanho, sente desejo de exclamar: *O' Manel da Rosaira, vem cá provar o meu vinho, home. Olha que hoje é dia de festa! Aqui diante do Menino Jesus, esquecem-se todas as zangas.*

Dia de Natal,—dia da Família! Nos Estados Unidos da América, o segundo domingo de Maio é consagrado às mães. Nesse dia quasi todos saem para a rua, com flores rubras ou brancas, conforme a mãe é viva ou morta. Entre nós, a festa do Natal envolve no mesmo carinho as mães, os pais e os filhos. Não se vêem nas lapelas dos cavalheiros nem sobre o seio alto das damas as flores simbólicas, significativas; mas cada coração é uma flor rubra de reconhecimento e de amor para os vivos. E para os mortos uma flor branca viceja—a Saíidade!

Lisboa, Dezembro de 1931.

JOSÉ GUERREIRO MURTA.

A PROPOSITO DO OCULTISMO E ESPIRITISMO

CARTA
DO
PROFESSOR
DR. HENRIQUE
DE
VILHENA



Ao
EX.^{MO} SNR.
J.
«TWICEBORN»

DR. HENRIQUE DE VILHENA

EX.^{MO} Sr. e Am.^o — Venho agradecer a última carta de V.^a Ex.^a, assim como o livro *Zanoni* de lord Bulwer Lytton.

Também lhe agradeço a nota dos livros acrescentados à Biblioteca, e a informação sobre o seu trabalho que está sendo publicado na *Mathematical Gazette*. Igualmente lhe sou devedor de agradecimentos pela gentileza de consentir que fiquem mais tempo em meu poder os livros da Biblioteca que V.^a Ex.^a dirige, que teve a bondade de me emprestar.

Saturnin le saturnien, de Lucien-Graux, que tão amavelmente me ofereceu, é um romance muito interessante. Além do seu sentido geral, espirita, ocultista, que se desenvolve sugestivamente, tem a boa composição de romance ou novela, e um sentimento psicológico dos personagens, nas suas relações entre eles, que se pode sintetizar numa passagem da pág. 189, que começa: «La comédie dramatique continuerait»...

São muito apreciáveis também certas notas de observação da vida dos sentimentos e especialmente me prendeu a atenção uma da pág. 101 relativa, primeiro, à amizade e, depois, aos impulsos da emoção que se subtraem ao domínio da vontade mais firme e esclarecida. «Parti nerveux, irrité,— diz o autor — il revenait calme, regrettant sa faute grave contre l'amitié et la sagesse, sa sottise brouillée avec l'homme qui eût dû être le dernier à souffrir par lui (frase cheia de sentido psicológico e moral sobre a amizade). Ecartant son ami, quittant Paris, il cédait naguère à une impulsion mauvaise contre laquelle il eût cru, trois mois plus tôt, pouvoir aisément réagir. Il fallait admettre qu'au fond des êtres les plus assurés de leur propre contrôle, survivent, malgré les plus rigoureux entraînements à la discipline de soi, des forces rebelles au frein et dont la volonté indomptable peut, éventuellement, mettre en échec les caractères les mieux armés pour se défendre.» Este último excelente período pode fazer lembrar, atenta a ideia geral de *Saturnin*, que «essas forças rebeldes» sejam de carácter oculto ou ocultista, supra-sensíveis, para além da já conhecida

psicologia, no domínio da metapsíquica, o que o autor todavia não designa claramente. Mas parece-me que a própria psicologia será suficiente para as explicar, pela funda energia da emoção, pelos instintos fixados por hereditariedade, ainda que refugiados e escondidos, alterados ou diminuídos habitualmente pela educação, a vontade, etc.

A intenção geral do livro é que, no entanto, mais importa. Ao meu espírito apresentou-se por ela, especialmente: 1.^o uma questão genérica, 2.^o uma, de certo modo, particular. A 1.^a é: os factos que se tem considerado do campo e domínio do ocultismo e do espiritismo, não serão a continuação natural daqueles que tem estado ou vão ficando ao nosso directo alcance, ou terão antes uma outra qualidade, uma outra essência? 2.^a: o homem dito de sciência, está ou tem estado de facto em natural opugnação com esses factos e fenómenos, não acreditando necessariamente na sua virtual e real existência?

Há no livro um breve período que pode resumir o conceito que julgo ser geral nos espiritas: «Nós outros, espiritas, vemos na vida, na qual se não supõem senão episódios imprevisíveis, indicações claramente traçadas pelas mãos invisíveis que nos conduzem.»

Julgo, quanto a mim, que estou numa situação intermediária de pensamento, que harmonizará, na explicação que dela se depreenda, o que tem estado para além da nossa observação vulgar e também vulgarmente dita científica, e o que já a estas pertence. Não creio, na vida, nos «episódios imprevisíveis», isto é, imprevisíveis, e não me sujeito também ao carácter misterioso, ocultista, fantasmático, dos fenómenos que assim «mãos invisíveis» — que o sejam de facto ou o fiquem sempre — nos proporcionem. Creio que a nossa existência, e de tudo que já conhecemos, está regida não só pelas condições mais ou menos verificadas de numerosos fenómenos apreendidos, mas ainda por todas aquelas, em quantidade e qualidade que nos são mal definíveis, relativas não só a esses fenómenos como também a uma

série inúmera de outros que desconhecemos e só muito de-vagar iremos naturalmente conhecendo um pouco. A intervenção na vida humana das influências dos astros (a astrologia) aceito-a sem nenhum esforço mental, e igualmente a da influência dos «espíritos» dos mortos. Mas tudo isto não aceito bem que se denomine de «oculto» ou «ocultista», de «misterioso», mas sim de acima ou fora do que conhecemos, mas sim de apenas desconhecido em seus processos, em suas leis, em suas fórmulas de certa nitidez. Para mim, o mundo que já designamos de «sensível» continua-se sem interrupção, sem lacunas mesmo mínimas, com o que dizemos «oculto», espirita, supra-sensível, e para mim ainda a distinção entre matéria e espírito se apresenta como apenas um fruto momentâneo da atitude parcial em que nos temos pôsto, uns e outros, materialistas e espiritualistas, na observação e compreensão da Natureza. Não me coloco todavia nessa parcialidade, dizendo-me materialista só, ou só espiritualista. Repilo qualquer dessas atitudes e considero ainda e pois a noção de uma outra qualidade mental em que matéria e espírito, assim como se tem julgado, se fundam em comunhão íntima e adquirem, fundidas, uma outra face, uma outra expressão. Nesta atitude mental que é em mim espontânea, sem esforço e sem artifício, não posso dizer, como o dr. Frénolius do *Saturnin*: «Oui, je suis un homme de science sévère et strict, je représente, si la définition ne vous est pas désagréable, la Matière, tandis que vous êtes l'Esprit.» E esta frase: «eu sou um homem de ciência severo e estrito», parece-me logo absurda, sem nenhum sentido. Se a ciência fôsse precisamente, como repete Bourget de um dicionário (p. 247), o conhecimento exacto de uma certa ordem de coisas, e se se admitisse o estado de precisa limitação ou delimitação dessa ordem determinada de coisas, e da exactidão com que podem ser conhecidas, então realmente se justificaria que um homem de ciência dissesse convictamente que o é severa e estritamente e que representa a Matéria. Mas, de facto, a Ciência não pode pressupor senão como processo de investigação, como facilidade taxonómica ou técnica, etc., uma limitação na ordem ou nas ordens das coisas, e uma exactidão segura do seu conhecimento. Acima de todas essas limitações esquemáticas, investigadoras, classificadoras, está a própria Ciência não podendo aceitar de princípio que o seu objecto seja limitado e que as ordens das coisas se separem naturalmente e que o conhecimento das coisas não seja susceptível de emenda, de ampliação, de reforço, de investigação necessariamente continua. E' por isso que me parece que julgar daquele modo é um artifício mental, ao qual aliás nos fomos habituando e fomos julgando impregnado de razão, de veracidade; é por isso ainda que imediatamente me coloco dentro de um campo em que não posso separar na essência os fenómenos já sensíveis e de reconhecimento relativamente fácil, dos supra-sensíveis (por enquanto) e de reconhecimento mais difícil ou ainda não feito, nem dado, ou nem mesmo suposto. E' por isso que os astros, em sua influência, os sinto perto de mim e dos outros seres, pôsto ignore quasi totalmente a forma, o meio, o processo da sua influência, e os mortos, sobretudo os que venero em minha salidade, os sinto em volta de mim, comigo, tendo por enquanto apenas, da sua companhia e influência, imagens mentais que me obrigam a certos processos morais na existência diária, a tais ou tais ambições do pensamento, do sentimento, e a recolher-me por vezes á sua lembrança e apoio quando disso experimento a necessidade espontânea ou reflectida.

Fui assim caindo na 2.ª questão que enunciei, e, para lhe provar que estou longe, e tenho estado, da dureza empedernida da alma do sábio dr. Frénolius (no respeitante ás concepções materialistas de que ele estava possuído), e que, para me convencer das forças ditas «ocultas», — para mim apenas desconhecidas, — eu estaria bem longe de precisar me acontencessem aqueles interessantíssimos sucessos do romance, que se deram com ele, — basta dizer-lhe que encontrei no livro um sinal concreto de o pensamento dos espiritas, em uma conclusão de síntese natural e moral, se encontrar com o meu que acima exprimi; e ainda num sentido particular que vou dizer, expresso em 1922, creio que antes

da publicação do *Saturnin*. Peço-lhe que veja estes períodos: «Crendo por mim próprio (p. 337-338), eu tenho a firme convicção de que, mais tarde, em séculos talvez, ele (o espiritismo) tornar-se-há o centro, o lugar crucial em que se reunirão todas as sciências ocultas. Então terá, ele próprio, alargado as suas fronteiras, tornar-se-há a Ciência (nisto já concorda, partindo de cima e não do meio, como eu, com o que pude dizer atrás), como o presagiu magistralmente Allan Kardec. Os sábios que, na hora presente, o ignoram (peço-lhe repare), terão com as suas mãos incorporado o que eles sabem ao que nós sabemos. O mundo terá mudado de face. Os Pascais modernos não serão já perturbados pelos espaços infinitos» (o sublinhado é meu). Segue no sentido da concepção de tudo abrangido na ordem dos «Poderes superiores, ordenadores da Harmonia universal». Veja V.ª Ex.ª que num livrinho que publiquei em 1923 — *Do Bem e do Belo*, etc., — partindo de conceitos diferentes, cheguei a escrever: «E não poderemos dizer, como Pascal, que nos assusta o «silêncio eterno dos espaços infinitos!» — e considerar, como ele, a cegueira e a miséria do homem em presença de «todo o universo mudo!» O Universo, os espaços infinitos falam-nos e entre nós e eles há uma troca permanente de emoção, de inspiração!»

Eu sei que nesse livro há conceitos que podem não ser os que bem admitem os espiritas. E distingo a concepção da Vontade humana condutora e dominadora — porque o deva ser e não porque o seja sempre. Sei como os espiritas, em especial o Bertin do *Saturnin*, entendem esse ponto. Para Bertin o *Libre Arbitrio* (p. 343) «é a permissão dada ao ser que nasce para sofrer, de remodelar a sua vida, de dizer «não» aos astros que o regem, de criar para ele, em volta dele, nêle, as condições e os meios de uma felicidade que lhe era recusada. Deus (diz ainda Bertin) ama estas vitórias e abençoa-as. Elas dão-lhe a satisfação de verificar que não errou autorizando a criatura a ganhá-las quasi contra ele. Ele diz: «Isto é bom, isto é meritório (*c'est brava*), e eu não me surpreenderia que ele aplaudisse.»

Este sentido supersticioso no conceito das Forças supremas, de Deus (vá pois esta palavra universal), é que o meu espírito não aceita bem. Para ele a vontade, o querer pessoal (não lhes chamo Livre Arbitrio porque já são condicionados) não dizem ou não deverão dizer não aos «astros» que nos regem, mas devem dizer-lhes sim, afirmando o caminho que se deseja tomar, e esta afirmação não será contrariada sendo no sentido da Harmonia suprema que se exprime humanamente no Bem. Os astros nos regem e nós e tudo os regemos a eles. Aquela submissão, aquela crença supersticiosa, como em poder, em força que necessariamente ou quasi necessariamente nos dominará e nos ficará oculta e misteriosa em sua essência, é que o meu espírito repele, — talvez em meu orgulho vaidoso de ser mesquinho e que quere inchar como a rã da fábula. Mas, emfim, isto é humano e eu pertencei bem á humanidade. Dentro dela sobretudo é que sinto a minha acção, por pequena e modesta que seja. E é assim também que, ao encerrar a leitura do *Saturnin* me foi extremamente agradável a nota que V.ª Ex.ª ali acrescentou, de sua mão. Alguém diz, no livro, finalmente: «E sem poder já mais jurar, na aurora, numa afirmação orgulhosa, que á tarde seremos vencedores, façamos valorosamente o nosso dia.» E V.ª Ex.ª escreve: «Sim! Há um caminho sempre. Por ele os Mestres, os «Mohatmes» chegam a ser «Senhores do Karma» (árbitros do seu destino e por vezes do alheio, como Cristo, o maior dos Mestres!) E' o caminho das vitórias sobre o Eu, em Amor do Próximo!, de que infalivelmente resultam sempre: *Pax et Lux!* Para quem definitivamente as Portas de Ouro desse Caminho se abrirem, é tal a *Pax* e tão grande a *Lux*, que nenhuma procela mais o agita na Região do Destino onde não há para ele também mais Treva! — Vê claro e ordena!»

O que eu igualmente sinto e li com uma grande satisfação e já exprimi também escrevendo, pôsto que menos incisiva e elevadamente, sem dúvida.

Termino afirmando-me sempre ao dispor de V.ª Ex.ª AL.ª Ven.ª

Lisboa, 12-X-1924.

HENRIQUE DE VILHENA.

Conto do Natal

O FRACASSADO

: POR FERREIRA DE CASTRO :

NUNCA quisera vir ali: — para que a aldeia não visse em seu corpo esquelético, enfêrmo, os estigmas da Miséria: — para que seus olhos humildes, acostumados apenas a contemplar os páramos do Fracasso, não se tivessem de baixar, mais humildes ainda, ante a sua família, os seus conhecidos de outrora.

Mas uma força estranha o arrastara: — fôra conduzido até ali pela mão pálida, translúcida, da sua nostalgia: — e agora que na sua frente, na profunda nudez da noite, como um fantasma do Passado, se erguia a casa onde nascera: — onde desabrochou a sua infância: — ele vacilava em transpor-lhe a porta: — e ante ela se quedava como ante um jazigo de todos os seus sonhos.

Exteriormente a casa tinha o mesmo aspecto de outrora: — mas ele bem sabia que lá dentro ela só albergava sombras: — a sombra de sua mãe há já muito falecida: — a sombra de seu irmão que a ambição expatriara para longínquos continentes: — e mais essa sombra desprezível que teimava em não se desvanecer — e que era a sua própria sombra.

Só sua irmã residia agora ali: — residia com o marido: — com os dois filhos: — mas ele não a amava: — pois sabia que ela atribuía à indolência todos os passos que fôra obrigado a dar na Senda da Miséria.

... não amava a irmã: — as mãos da fraternidade entre os dois já mais se enlaçaram: — odiava-a até por ela usu-

fruir ainda aquele ninho augusto onde crescera, sob o abrigo das asas maternais.

E todavia, a atracção do passado, arrastara até ali seu corpo enfêrmo: — prestes a agonizar sob as garras da tuberculose: — e agora que a casa lhe muralhava as pupilas, sentia-se covarde: — sentia-se melindrado no seu orgulho, por ter de recorrer à protecção da irmã, assim faminto, assim maltrapilho — quasi morto...

E vacilava...

E indeciso se quedava a contemplar a casa que se erguia à beira da estrada: — e

ante os flocos de neve que lhe perolavam o telhado, ele recordava a sua infância, as noites de Natal em que lá dentro, junto à lareira em que as achas crepitavam, a mãe dispunha a mesa para a ceia: — e em redor da mesa eles se aglomeravam: — mais silenciosos que nos outros dias, mas com uma estranha alegria mística a aureolar-lhes a alma.

E num tropel de evocações os pormenores surgiam: — do sarcófago do Passado levitava-se, animada, a vida morta: — e ele via-se acompanhando a velha mãe nos cuidados que ela punha em preparar as iguarias tradicionais



O escritor FERREIRA DE CASTRO
no seu gabinete de leitura

do Natal:—êlé ouvia-a ainda a contar-lhe histórias místicas:—histórias de meninos que haviam encontrado na noite santa o próprio Natal, cajado na mão, barbas longas e brancas, a colocar junto à lareira prendas de incalculável valor...

Estava encostado à porta e, como sua mãe, outrora, a irmã contava agora aos filhos as mesmas lendas:—falava-lhes do mesmo prodigioso ancião que na noite de Natal, demandava os lares humildes, na missão de premiar as crianças bem comportadas...

Este ressuscitar da sua vida, já derramada pela ampullieta da Eternidade, angustia-v-a-o:—sufocava-o:—amarfanhando-lhe os pulmões avariados.

E para nada mais ouvir, afastou-se da porta:—atravessou a estrada:—e pôs-se a contemplar o vale:—paraíso de seus brinquedos infantis que a neve agora envolvia num sudário branco, muito branco e volátil, como os próprios sudários que envolvem as virgens mortas.

E, como ao vale, a neve ia-o envolvendo:—pesando-lhe sobre os ombros:—embranquecendo-lhe a barba:—o chapéu:—ia-o enregelando, petrificando, lentamente, inexoravelmente.

E êle deixava-se ficar:—faminto:—maltrapilho:—o

coração a bater com mais frouxidão:—mas sem querer humilhar-se ante a irmã que se apossara do seu último refúgio.

...e deixava-se ficar:—sem mal dizer os inúteis sacrifícios feitos para chegar até ali:—sem querer também desfraldar o estandarte negro da sua miséria...

O passado já não revivia, êle compreendia-o agora bem:—a sombra materna já se desvanecera de encontro às paredes da velha casa:—e contudo sentia uma singular volúpia em quedar-se ali eternamente:—coroadado com as rosas brancas da neve:—a recordar, a recordar...

De manhã os dois filhos de sua irmã:—os seus sobrinhos:—foram encontrá-lo morto:—rígido:—estendido à margem da estrada:—o corpo, que a neve amortalhava, refulgindo sob os tibios raios do sol matinal.



— foram encontrá-lo morto, rígido, estendido à margem da estrada

Retrocederam as crianças, surpreendidas, alegres, por julgarem realizadas as lendas escutadas na véspera:—e correndo para a mãe lhe disseram:

— Está ali o Natal, mamã!

— O Natal?!

— Sim, sim! Está ali... a dormir na valeta...

FERREIRA DE CASTRO.

(Il. de Sousa Gomes).

O NATAL

*Palidamente a luz do sol morria...
E nas palhas humildes de Belém
Uma linda mulher na dor sorria,
Por ver chegar a hora de ser mãe.*

*E porque estranha e mística ironia
Nasceu de noite o Ser que em si contém
A luz do sol, que dá candura ao dia,
E a paz do amor, que a madrugada tem?!*

*É que de noite a luz é mais brilhante...
Não tem o sol... e a lua radiante
Tem a tristeza, a palidez na luz!*

*... Mas esta noite quanto sol não deu!...
— Nascera o bem dos olhos de Jesus
E na essência da vida amanheceu!*

Lisboa, 25—XI—1924.

LEÃO CORREIA.

CONTO PARA CRIANÇAS:



QUANDO Heloisa, a loira fidalguinha, leve a primeira boneca de engonços, como não ficou de contente!

Possuía, enfim, uma boneca que ria e piscava os olhos; só lhe faltava falar.

Durante muito tempo, pensou... pensou, e que nome lhe foi pôr? — D. Silvana Urraca, — o que alegrou imenso a bonequinha.

Heloisa punha em Silvana todo o seu enlévo e logo de manhãzinha, ia espreitar-lhe o sono, até que a boneca, já faria de dormir, abria, muito espantada, os lindos olhos da côr da noite e erguia o rostinho corado, da mais fina porcelana.

— Que pena seres de loiça! — E Heloisa, suspirava, com gentil menear de cabeça.

Mas nem por isso deixava de tagarelar com ela, horas a fio, porque é verdade que Silvana não falava, mas ria e piscava os olhos.

E era tão condescendente!... Quando a dona a levava ao colo, fazia-se tão lèvezinha, para lhe dar gôsto, que a cada instante ela cuidava vê-la voar.

Véspera dos seus anos, Heloisa, enquanto deitava, na caminha de rendas, a linda boneca, ia dizendo:

— Silvaninha, és tão prendada, mas ninguém te conhece. Amanhã hás-de dançar comigo, na minha festa. Quero que todas as bonecas digam com inveja: «Mas que portentol!» E quando as donas me perguntarem de onde vieste, direi: — «Silvaninha é filha única». — E assim quem haverá que te iguale?

Pareceu à pequena que a bonequinha abria mais os grandes olhos escuros. Era tão condescendente!

No outro dia, pela fresca da tarde, à sombra de um carvalho, carregadinho de anos e de verdura, reuniram-se, a convite de Heloisa, as crianças da vizinhança.

Ali perto cantava uma fonte e os passarinhos, só de vê-las a traquinar, romperam numa chilreada, que era um prazer ouvi-los.

Cada qual tinha trazido os seus brinquedos. Havia cavalos de cartão pintado e cãezinhos felpudos que pareciam mesmo mortinhos por saltar.

Mas o encanto de todos era um automóvel, côr de cereja. Dava-se-lhe corda e corria, corria, sem destino.

Coisa assim! Estava tudo pasmado.

Ora, quando a animação e o barulho eram tais que já ninguém se entendia, aparece, muito açodada, Joaninha, que era prima de Heloisa. Mas não vinha só, trazia ao colo um pagem todo laful.

A cabeleira do pagem era loura e ondulava-lhe ao vento. Sob a capa de veludo carmesim, as meias de sêda que trazia, ainda mais sobressaíam, na sua alvura. E com que garbo sobraçava um espadim que o sol tornava ôuri luzente!

— Que lindo pagem, Deus do céu! — diziam as crianças baixinho e não desfitavam os olhos dele.

lá a tarde em mais de meio, já ninguém sabia que mais inventar para se divertir, e de que havia de lembrar-se um rapazinho?

Que Silvaninha e D. Alonso (que assim se chamava o pagem) fôsem de braço dado, a passeio.

Silvaninha nunca tinha visto um senhor tão bonito. E de envergonhada sentia dobrarem-se-lhe os joelhos. E depois, nunca tinha andado senão pela mão da dona, em passinhos saltitantes.

Tudo isto lhe fez tal confusão... E é que ninguém a convencia a dar o braço a D. Alonso, que a sorrir, a fitava.

Mas eis que alguém gritou:

— Vão no automóvel!

— Ora pois! ¿E porque não hão-de ir? — exclamaram todos à uma, muito entusiasmados.

Silvaninha quando isto ouviu, por um triz que não desmaia. Mas bem se importaram as crianças com isso. E lá a meteram, quasi à força, — pobrezinha! — no aparatoso carro cõr de cereja.

D. Alonso, esse, não se fez rogado. E com uma bela cortezia à sua dama, subiu com sobranzeria, a fulva cabeleira à mercê da brisa.

E lá enfiou o automóvel numa correria desabalada, em meio dos risos e aplausos da bulhosa assistência.

Silvaninha, quando viu as árvores a correrem, umas após outras, sobre ela, teve tanto medo que se pôs a gritar:

— Socorro! Quem me acode!

D. Alonso, que ia ao volante, voltou-se e, sobressaltado, bradou:

— A's armas!

Um grito de júbilo respondeu ao apêlo da boneca. Milagre! Silvaninha e D. Alonso tinham falado.

E as crianças batiam as palmas e diziam em côro:

— Até que enfim, até que enfim!

E lá ao longe o eco repetiu alegremente:

— Até que enfim, até que enfim!

Mas aí! o carro ia sem govêrno, e eis senão quando, vai de encontro a um muro e trás! — dá um salto, cuspindo, a distância, o desventurado par.

Que lamentos de cortar o coração ecoaram pelos recantos da velha quinta!

— Ai o meu rico automóvel, que não havia outro igual! Que desgraça, meu Deus, que desgraça, — dizia em alto pranto, um pequenito.

E então quando se lhes deparou o corpo inanimado de D. Alonso, o clamor foi tal, que os passarinhos, nas árvores, emmudeceram.

Lá jazia prostrado, sobre uma pedra, o formoso pagem, mas em que estado! Esfarrapada a bela capa que momentos antes esvoaçava, e a cara de cêra, cheia de arranhões que era um dó.

Quanto à bonequinha é que, por mais que a procurassem, nem viva, nem morta, aparecia.

Ao cabo de muito tempo lá foram dar com ela de bruços. Ergueram-na e viram-lhe, ainda, parte da cabecinha ôca, mas a linda cara de porcelana, jazia em estilhaços na relva.

Quando as crianças tal viram, ainda mais alto choraram. Heloisa então soluçava amargamente.

— Ai Silvaninha, doce

Silvaninha, — dizia — como sabias que ias morrer!

E por muito tempo, a loira fidalguinha ficou inconsolável, por ter obrigado a pobre Silvana a subir para o carro da morte.

BRANCA LOPES.

(Il. de Roberto Nubres)



Mas eis que alguém gritou: — Vão no automóvel!

SERENIDADE

(INÉDITO)

Fôra assim sempre o nosso amor, assim como ora vai, num êxtase, calado, sob este céu, que é de oiro e de setim, neste canto de parque abandonado!...

Fôra assim sempre o nosso enlêvo — brando e quieto e fácil, sem ardor nem ciúmes; com fraldas de água entre árvor's, suspirando seus líquidos, tenuíssimos queixumes...

Fôra assim sempre a tua graça, álferta e silenciosa, como luz acesa; e o teu sorriso — uma carícia certa, quando a buscasse, em horas de incerteza...

Fôra assim sempre, Amiga, o nosso encanto, e igual e muda toda a nossa vida, e eu entraria, sem temor nem pranto, da morte em sua plácida guarida

— por ter amado sem o desencanto!
— por ter vivido sem sentir a vida!

Lisboa, Outubro de 1926.

JOÃO DE LEBRE E LIMA.

ÁLBUM DA VIDA



AO MEU QUERIDO AMIGO

ANTÔNIO SANTOS

O Universo é um álbum, onde Deus
Escreve pensamentos, reflexões,
E de que o Mar, as Árvores e Céus,
São os desenhos, as ilustrações...

As frases somos nós, ó meus Irmãos,
— Nós, os mortais;
Frases que as mãos de Deus, benditas mãos,
Escreveram no livro do Universo...
Os Artistas, os Sêres excepcionais,
São as frases em verso...

E vejam a diferença dos dois sexos:
No livro do Universo, as mulher's são
Apenas pontuação —
Reticências, acentos circunflexos...

E a Harmonia, e a Cadência, a Cór,
Que às palavras empresta a pontuação,
É o excelso, é o divino Amor
Que enlaça coração com coração!

Os animais,
Os sêres irracionais,
Que, em vez de mãos, teem patas,
As feras ardilosas, abjectas,
No Álbum infinito são erratas,
Frases incompletas...

E os que começam a envelhecer,
Êsses que já passaram de rapazes,
São lindas frases
Que Deus se cansou de ler...

E quando morre alguém, alguém passou
Desta para melhor,
Foi uma frase que Deus riscou,
Por ser banal, ou já a ter de côr...

No grande Álbum de Deus, livro sem fim,
E cuja ilustração é a paisagem,
Eu sou apenas — ai de mim! —
Um pensamento estranho, escrito à margem...

ARMANDO DE MIRANDA.



EM LOUVOR DE PORTUGAL NO BRASIL

1.º Prémio dos concorrentes portugueses, nos
Jogos Florais de 12 de Outubro, em Badajoz

FUSTIGADA p'lo vento e desviada do rumo
P'las ondas em tropel dum grande temporal,
Lá vai, em pleno mar, como um rôlo de fumo,
A armada em que embarcou Pedro Álvares Cabral!

Tinham morrido a bordo as esp'ranças incertas,
E ao ribombar nocturno e seco dos trovões,
Ante o olhar alarmado e inocente dos navios
Ressuscitava o mar das antigas visões!...

Sem governo, sem alívio, ao Deus dará da sorte,
Dos furacões saíndo e ira a todo o pano,
Era uma esquadra louca em demanda da morte,
Com a cumplicidade imprevisível do oceano!...

Como um fantasma à prôa, o almirante medita...
No alto da sua nau inda tremula e ondeia
Uma flâmula, que arde em confiança infinita,
Com a Cruz do Senhor, ensanguentada e cheia!...

Levantam-se p'ra Ela as mãos de todos. Nisto,
Como um som de clarim num final de derrota,
No céu profundo e negro ouve-se a voz de Cristo,
Comandando a procela, os muros e a frota!

Ouve-se a mesma voz no silêncio das almas...
E, milagrosamente, em campo aberto e azul,
Constelado de luz, de louros e de palmas,
Surge, p'ra todo o sempre, o "Cruzeiro do Sul"!

Passa no firmamento a asa de Primavera,
Destacem-se em aurora as nuvens formidáveis,
E o mar, abandonando os ímpetos de fero,
Ao romper da manhã par'cia um mar de rosas.

Como um leão de fogo assomando ao Oriente,
O sol faz um clarão de vitória consigo
E, súbito, ilumina um vasto continente,
Aonde a armada encontra o desejado abrigo.

E momentos após, num silêncio profundo,
Celebra-se uma missa e Cabral com os seus
Ergue a espada e baptiza e toma o Novo Mundo,
Que seria d'El-Rei, por vontade de Deus!...

Depois, ao som febril das trombetas em festa
Levantou-se na praia o glorioso padrão,
E um vento misterioso agitou a floresta,
Despertando um rumor de longínqua oração...

Mais tarde, quando a frota em baloiços desferia
P'ra retomar a fim a derrota inicial,
Dois marinheiros sós ficavam nessa terra
Aguardando que viesse a alma de Portugal!...

E quando ela chegou, iniciou-se a conquista,
A conquista que foi, numa epopeia bela,
Até onde alcançava e se perdia a vista,
Tendo como fronteira o pendão de Castela!

Desbrevaram-se a êsimo os vales e as montanhas,
E pouco-a-pouco a roça heróica e aventureira
Penetrava os sertões e as florestas estranhas
E levava mais longe a sagrada bandeira!

Nos densos matogais e ao longo das beiras
Surgiam povoações, feitorias, herdades;
E à volta dos fortins e das capitânias
Nasciam por encanto as primeiras cidades!

P'la Europa doidejava o esplendor dos diamantes
E do ouro do Brasil, que apar'cia em caudal...
Tentavam-se ladrões dos reinos mais distantes,
Mas triunfava sempre a alma de Portugal!

E enquanto a vida intensa engrandecia os portos,
Juntavam-se no bosque, ao redor dum velho,
Pacíficas legiões de guaranis absortos
Ouvindo e aprendendo as lições do Evangelho.

E assim se foi criando a golpes de energia,
Com o padre e o soldado em permanente união,
Esse império do Sul, que mais tarde seria
Em vez do nosso filho, o nosso grande irmão...

Quando cada cidade e cada vila obscura
Tinha uma fortaleza e um templo, de imprevisito,
Como em tempos no mar, desce uma voz da altura
Dando fim à missão dos servidores de Cristo...

Uma tormenta ingrata ali se preparara
E, por entre o rugir do novo temporal,
Entregando a si mesmo a Pátria que criara,
O velho Portugal tornou-se a Portugal!...

Mas deixou nessa terra a alma da sua gente;
Fê-la a maior nação d'entre vinte nações;
Deu-lhe um futuro eterno, e deixou-lhe igualmente
A palavra de Deus na língua de Camões!

INTERESSES PORTUGUESES

NA AMÉRICA-DO-SUL

SUMÁRIO: — O nosso problema de emigração — Possibilidades do nosso comércio para a América-do-Sul. — Transportes sob bandeira nacional. — A colônia portuguesa na Argentina. — Intercâmbio com a Argentina. — Os vinhos portugueses na Argentina e no Chile. — Situação econômica na Argentina e no Brasil. — Intercâmbio com o Brasil. A questão do tratado de Comércio.

A colônia portuguesa no Rio Grande-do-Sul. — Comunicações e intercâmbio com o Rio Grande. — Vinhos, conservas, cortiça e outros artigos portugueses no Rio Grande. — Banha, arroz, carnes conservadas, couros e outros artigos riograndenses em Portugal. — Relações de inteligência com o Brasil.

QUANDO, ainda na América-do-Sul, recebi um primeiro número da *Alma Nova*, e com ele o pedido de colaboração, tive logo a ideia de aceitar, naturalmente não convencido de que viria a contribuir com grande causa para a revista, mas certo, perante a excelente impressão que o referido número me produziu, de que o meu dever de português e de funcionário era ajudar, na medida das minhas forças (embora fracas que elas sejam), os valentes e bem intencionados da *Alma Nova*, a tirar do marasmo das secretarias e dos cafés, do seu canto, enfim, quantos ainda conservam honestidade e fé em melhores dias que os presentes para a Pátria portuguesa e quantos ainda são capazes de alimentar um interesse por ideias que pairam realmente acima dos *faits-divers* da baixa política e da maledicência. Logo respondi, dando a minha adesão à obra que a revista se propõe levar a cabo, com a aceitação do amável convite que me dirigiam.

Foi isto, pode-se dizer, quasi nas vésperas do meu regresso à Europa, em Maio do corrente ano. Pessara mais de três anos na América-do-Sul, primeiro no Brasil e depois na república Argentina.

Suponho que do meu labor de diplomata durante esses três anos algumas conclusões posso tirar que contribuam, mesmo modestamente, para o esclarecimento de certos problemas que mais se prendem com a defesa de interesses nossos no continente sul-americano. Tanto basta para que, com as reservas que a profissão me impõe, aqui procure transmitir ao público já numeroso da *Alma Nova* algumas daquelas conclusões, acompanhadas dos devidos comentários ou demonstração.

Ao meu novo e Ex.^{mo} Amigo Sr. Mateus Moreno eu tenho o agradecer a gentil lembrança que teve para comigo e que me permite a mim, agora que o Ministério dos Estrangeiros não publica uma só linha daquilo que os seus agentes lá fora lhe escrevem, não



Dr. J. M. de Bellescourt Ferreira

Ex-encarregado de Negócios do Governo Português em Buenos Aires e cônsul em Porto Alegre, donde acaba de ser transferido, por conveniência de serviço, para o conselheiro de Belem.

ver inteiramente desaproveitados passos e trabalhos que muito custam a realizar com consciência!

Ao partir em Abril de 1921 para o meu posto no Rio Grande-do-Sul, pensava, sobretudo porque não podia adivinhar a distinção

do Governo que mais tarde me mandou a Buenos Aires, que ia estar muito sossegado em Porto Alegre. O gólio pelas coisas da carreira e a disseminação dos nossos interesses, juntamente com as deslocções, resultantes das mudanças de comissão, obrigaram a movimentar-me, a gastar-me física e espiritualmente durante todo o tempo que permaneci em Portugal.

Sobretudo a comissão na república Argentina resultou, ao menos para mim, interessante, se bem que trabalhosa. Por isso e também porque estão na minha memória mais recentes e frescos os factos que com esta *Alma* convulso se ligam, permitto-me aqui que comece as minhas despretenciosas considerações com o oferecimento de algumas notas sobre o que vi na grande república do Preto e que talvez lhes immedie conhecer.

A curta permanência que tive em Buenos Aires e como simples encarregado de ne-



Buenos Aires — Palácio do Congresso da República

(Fot. do autor)

gócios ad-interim, impede-me, sem falar noutros motivos, de fazer afirmações valiosas, revelar conhecimento profundo das cousas e das pessoas com quem tive de tratar. Mas isto não me parece razoável para que me cale e nada conte do que fiz, oficialmente, durante os nove meses que durou a minha encarregatura.

Quero começar, falando da minha passagem pela república Argentina, por uma questão de dever para comigo e com o País, por me referir à situação ali criada ao nome português pelo trabalho dos nossos representantes e dos nossos compatriotas.

Não vivem na Argentina, segundo os melhores cálculos, menos de 15.000 portugueses, 8.000 dos quais fixados em Buenos Aires. Eles, com os representantes oficiais que por ali têm passado à frente, criaram em torno de si, com a sua inteligência e o seu carácter, o seu trabalho probo e a bondade do seu coração, um ambiente de respeito e de simpatia que nos deve desvanecer.

É evidente que não estou falando de mim, mas daqueles compatriotas que lá conheci e daqueles colegas de cujas acções tive notícia.

Reservo-me para mais adiante tratar mais concretamente da grandeza da nossa colónia na Argentina e das pessoas que nela ocupam uma posição de destaque, para, por enquanto, só me referir à boa memória que toda a gente guarda do finado ministro Abel Botelho e do brilho excepcional que tem sabido imprimir à nossa representação o actual plenipotenciário Dr. Alberto de Oliveira.

Eu fui encontrar, depois de tantos anos sobre a morte de Abel Botelho, no espírito de estrangeiros e de portugueses a mais grata recordação da sua pessoa e das suas apódoes para o cargo que em boa hora a República lhe confiou. Sempre se me falou do ministro Botelho nos termos mais sensíveis para o meu peito de português amante da minha Pátria e representante dela lá fora. E lembro-me muito bem — e sempre me lembrarei — dos termos saudáveis e impregnados de fúndia admiração em que a ele se referiram personalidades como o Dr. León Suárez, da Universidade de Buenos Aires, na comovente celebração, em 1923, no cemitério da Recoleta, pelo aniversário da sua morte.

¿A respeito do sr. Dr. Alberto de Oliveira que hei-de dizer que não seja já do conhecimento público? ¿Que ele é hoje um dos nossos mais distintos e mais brilhantes diplomatas portugueses, sem falar aqui dos seus raros merecimentos como homem de letras? Prefiro afirmar-lhes que, na minha modesta opinião, ele é, pelo seu valor, um dos maiores diplomatas que tenho conhecido. É este o orgulho que desejo ver compartilhado pelos meus patriotas, e que advém da certeza de que o sr. Dr. Alberto de Oliveira não é grande só na estreiteza do nosso quadro diplomático, mas em confronto com os seus colegas de quaisquer outros países.

É necessário ter representado Portugal lá fora, ou outro país comparável ao nosso pela sua grandeza material, para compreender como é difícil defender com sucesso os seus interesses.

E por isso é que entendo justificada a minha admiração pelos merecimentos do nosso actual ministro nas repúblicas do Prata, desde que verifiquei, e outro qualquer o pode fazer, quanto a acção do sr. Dr. Oliveira na América-do-Sul tem contribuído não só para levar a bom termo intrincados problemas como para manter bem alto o nosso bom nome.

É para mim um dever que cumpro com gosto, afirmar aqui que, tendo ido à Argentina para substituir temporariamente o sr. Dr. Alberto de Oliveira, encontrei, como com certeza poucos outros encarregados de negócios têm encontrado em circunstâncias análogas, o caminho docemente esplanado, o meu papel limitado a entreter a situação criada. Foi absolutamente certo de não

achar más vontades nas minhas tarefas diplomáticas que eu caminhei durante todo o tempo que residi na Argentina.

São muito mais importantes do que eu pensava antes de ir a essa república, e do que a maior parte das pessoas pensa em Portugal, os nossos interesses ali, tanto de ordem política como de ordem comercial. A nossa colónia, o número e valor dos seus elementos, a importância do intercâmbio intelectual e de mercadorias que já existe e em muito maior escala poderia existir, traduzem-se em factos que, a-pesar-do que se tem dito para cá, estão ainda longe de terem sido compreendidos e sobretudo estudados, para se enveredar no sentido necessário.

Com estas palavras abria eu um artigo sobre os nossos interesses na Argentina, que escrevi para o número comemorativo do 3 de Outubro de 1923 do *Jornal Português* de Buenos Aires. E agora, tendo peorado, como julgo que peorou, a situação do País, no desequilíbrio da sua economia e das suas finanças, entendo que devo repeti-las e até glossá-las, porque felizmente ainda estamos a tempo de combater a crise, na certeza de nos salvarmos.

Quem conhece o esforço a que se tem entregado os diplomatas, que têm passado ultimamente pela nossa legação de Buenos Aires, há-de concordar que a ele não tem correspondido o País com a sua atenção para os assuntos que o interessam na Argentina e conseqüente modo de agir. Para não aduzir mais em favor da minha asserção, basta-me dizer que se ao menos fossem suficientemente conhecidos e compreendidos os estudos do ministro Alberto

de Oliveira, ainda alguma coisa havia o direito de exigir da inteligência e do espírito de iniciativa e de trabalho nacionais.



Buenos Aires — Monumento a San-Martín

(Fot. do autor)

Já tive ocasião de me referir à desgraciosa circunstância de não publicar actualmente o Ministério dos Estrangeiros, ou qualquer outro organismo por ele, nem uma linha dos resultados a que chegam dezenas de agentes de carreira e honorários, espelhados pelas cinco partes do globo. ¿Como se compreende e se suporta que a-pesar-de todas as dificuldades de ordem geral, iguais ou parecidas

para todos os países, tenhamos chegado a este ponto? ¿Qual é a vantagem e o estímulo com que devem seguir informando os funcionários que a nação tem de pagar mesmo quando são simples *consuls marchands*?

Não me cumpre ir mais longe no meu reparo, mas julgo do meu dever chamar a atenção pública para o assunto, e, embora me afaste já do ponto escolhido para desenvolver no meu artigo, frisar que com semelhante situação não são só os nossos interesses na Argentina que perdem, mas sim todos aqueles, muito grandes, que temos um pouco por toda a parte. Não me convengo de que valha a pena informar somente a Secretaria, uma ou outra repartição do Estado, uma ou outra associação ou indivíduo, enfim, gastar-se tempo e dinheiro para as palavras dos nossos diplomatas não verem publicidade alguma. Nem que os interessados, que são a agricultura, a indústria, o comércio, se contemem, por exemplo, com as entrevistas do nosso ministro em Berlim nos jornais de Lisboa.

A emigração para as nossas variadas províncias ultramarinas, de Cabo Verde a Timor, que tanto tem sido, e com razão, preconizada ou reclamada nos últimos anos, não pode abranger o maior número das pessoas que saem do continente e ilhas, enquanto ao mesmo tempo se não der emigração de capitais por uma forma muito mais intensa que aquela por que se tem dado até agora.

Realmente, tem faltado na escola precisa, e mercê de circunstâncias cuja análise nos levaria longe, a iniciativa para empreendi-

mentos grandes nas colónias, que ainda continuam reduzidas, em muitos casos, à degradante condição de colónias de funcionários, e todas, salvo erro, a sobrecarregar os debilitados orçamentos da metrópole com os seus déficits. E nestes termos, enquanto o emigrante português não encontrar nas nossas possessões os elementos de trabalho que em regra encontra logo noutras terras, ele tem o direito de continuar a dirigir-se para países como o Brasil e a Argentina. Ainda por bastantes anos uma grande parte da nossa emigração tem que continuar a ser encaminhada para a América-do-Sul, onde não nos convém perder, antes pelo contrário, um êlamo da nossa influência espiritual e económica.

E, quanto a mim, em erro, desde que não melhorem as condições de vida no continente e ilhas, desde que a emigração se tornou entre nós um mal necessário, dificultar, quasi impedir a saída daqueles que aqui ou nos arquipélagos adjacentes não encontram meio favorável à aplicação, com rendimento, dos seus recursos em inteligência, trabalho e força de vontade. É inútil apontar as colónias a quem, se lá fosse, nada mais restaria do que voltar para trás. É manifesta obtusidade não ver que, com as numerosas peles que actualmente pomos à emigração para a América-do-Sul, apenas conseguimos aumentar a saída clandestina dos nossos pelos portos da Galiza e outras regiões de Espanha.

Na minha modesta opinião, o que temos a fazer não é impedir a emigração, mas regulá-la, canalizando-a para aqueles pontos das nossas colónias e do estrangeiro onde o português se não perca para a Pátria, isto enquanto durar aquela contingência da falta de braços, que me parece demonstrada com a existência, nas cidades, de tanto poder de calçadas e, nos campos, com a partida de tantos ditos ao caminho das mais variadas regiões do globo.

Assim como os Estados-Unidos da América-do-Norte fixam, de tempos a tempos, qual o número de emigrantes a admitir de cada procedência, e em todos os países de emigração se encaminha o emigrante para este ou aquele ponto do território, oferecendo-lhe maiores ou menores vantagens, entendo eu que nós temos o direito, mais, estamos na obrigação de regular a saída do continente ou ilhas, sem ser a única ideia de que há falta de braços ou que eles são precisos cá e nas colónias. O que nos tem de preocupar é a saída de mulheres, e de homens na idade normal de adquirirem instrução militar, depois de proibir a saída dos que vão completamente à aventura e arrastar a sua miséria pelas cidades portos de mar, enquanto não pedem a compatriotas ou a representantes do seu País que os repatriem.

A nossa indústria e o nosso comércio não apreciaram ainda a extensão do horizonte, do campo que persiste aberto na América-do-Sul às suas atenções. Por outro lado, aqueles que um dia de Portugal largam para tentar fortuna, continuam, muitas vezes, entregues mais às suas próprias qualidades e à sua sorte do que também ao amparo das autoridades do seu País.

A nossa indústria e o nosso comércio tem abandonado, durante e depois da guerra, justamente os mercados onde possuem de direito o seu lugar, para tentar os mercados, para nós quasi sempre transitórios, do norte da Europa. E a verdade é que nunca, pela sua grandeza, esses mercados poderão valer para nós o que valem os da América-do-Sul. E na mira das grandes encomendas dali que os nossos industriais e comerciantes devem desenvolver as suas actividades. E pondo-se em condições de satisfazer as exigências daquelas proças sul-americanas que as nossas forças-vivas, auxilia-

das pelos governos, podem verdadeiramente fazer entrar o País numa era de prosperidade.

Está o português, muitas vezes, ao partir de Portugal e no estrangeiro, entregue mais aos seus próprios recursos, à sua inteligência e espírito combativo, do que também à protecção das autoridades do seu País. Não é nenhuma vergonha confessá-lo; os nossos interesses estão por tal forma espalhados, e são tão numerosos e importantes, que só a pouco-e-pouco as organizações burocráticas competentes vão conseguindo desempenhar integralmente o seu papel. Resta-nos ainda muito a fazer em matéria de organização dos serviços de emigração que correm pelo Ministério do Interior e dos Negócios Estrangeiros.

Em matéria de assistência, protecção, orientação dos que chegam no outro lado do Atlântico, mesmo sem ser na qualidade de emigrantes, temos de considerar aquilo que pode ser feito isolado, ou conjuntamente, isto é, em resultado de acordo, pelos governos, e o que pode ser feito pelos compatriotas das que, por assim dizer, de novo iniciam a sua vida.

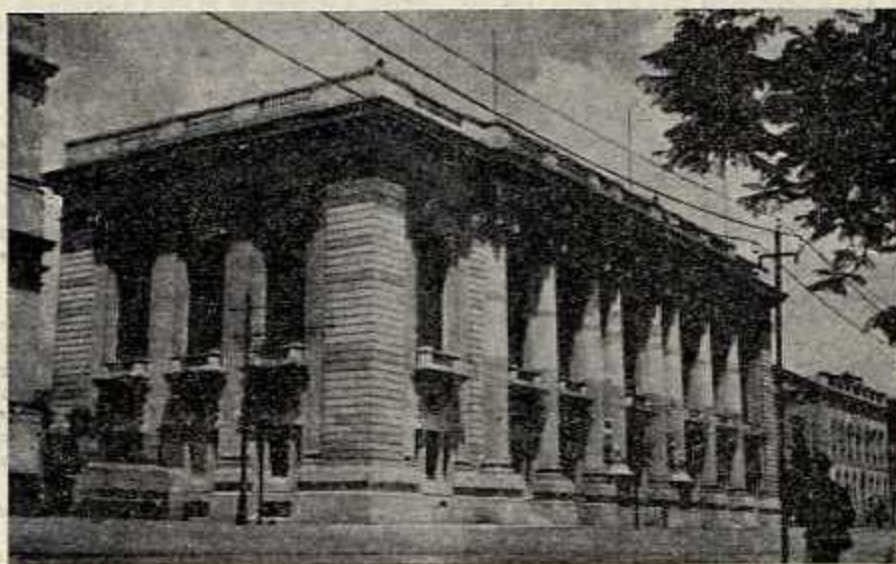
Aos portugueses da América-do-Sul não se poderá pedir, em meu entender, que façam neste capítulo mais e melhor do que já tem feito, sobretudo no Brasil, como é natural, por ali serem os nossos em maior número que em qualquer outro ponto do continente. Pelas cidades do Brasil, onde a colónia portuguesa é mais numerosa, existem já sociedades de assistência e repatriação que imensos serviços tem prestado, aliviando os cônsules e o Estado

de trabalho e de despesa muito para ter em conta.

O que os italianos tem feito em matéria de *Patronatos* (que são estabelecimentos de assistência e repatriação, sustentados pelos colonos) no Brasil e sobretudo na república Argentina, onde são centenas de milhares só em Buenos Aires, é muito digno de menção, deve até servir de exemplo, pelo valor e alcance das instituições criadas, do que pode o sentimento de fazer bem, quando racionalmente dirigido. O *Patronato* de emigrantes

italiano de Buenos Aires procura trabalho àqueles que o não tem e repatria os inválidos, que a não serem repatriados pediriam esmola. Presta também assistência médica e jurídica, ocupa-se da correspondência que chega sem direcção, e que já atingiu num ano 60.000 cartas; protege as viúvas e órfãos desvalidos, muitas vezes os repatriando também, para o que tem contrato com companhias de vapores. O *Patronato* tem em construção, cerca do porto de Buenos Aires, um edifício amplo e apropriado para hospedar os seus protegidos; para a instalação de consultórios e outras dependências relacionadas com a emigração. Para dar uma ideia, em números, da acção do *Patronato*, direi que do 1.º de Abril de 1922 a 31 de Março de 1923, em hospedagem, subsídios, transportes em caminho-de-ferro, assistência médica e fornecimentos de roupas se gastaram 13.229.64 pesos argentinos, e na repatriação de velhos, viúvas e órfãos 2.045.00. Foram no mesmo período dirigidos à associação 1.011 pedidos de mão-de-obra, feitos 3.125 oferecimentos e colocados 2.050 pessoas.

Vejam agora o que, por contra-partida, vai fazendo o Governo argentino no que respeita a imigrantes, sua recepção e distribuição racional pelo território da república. Principalmente desde que os Estados-Unidos começaram restringindo a entrada de estrangeiros, as estatísticas dos países Sul-americanos registam a chegada dum número mais elevado de imigrantes. Mas se isto é realmente bom para aqueles países, cujo principal problema social e económico é o do povoamento, ao mesmo tempo dá lugar a que os poderes públicos e os estudiosos se preocupem com o caso, porque se torna necessário colocar os braços que chegam de fora em con-



Porto Alegre — Palácio do Governo do Estado

(Fot. do autor)

dições de serem úteis, sem que prejudiquem os interesses já criados de nacionais e estrangeiros já estabelecidos.

A affluência de imigrantes complica o problema da habitação nas cidades, desde que a sua população aumenta também, em virtude daquela affluência, em proporção superior à da edificação. Tratando-se de Buenos Aires, provou-se que enquanto a população aumentou de 1869 a 1886 de 144 %, a construção de casas só aumentou 74 %; de 1887 a 1894 a população aumentou de 53 %, e a edificação de 63 %. De 1895 a 1899 continuou a aumentar muito mais o número de pessoas que o de casas, respectivamente 21 % e 9 %, assim se mantendo a proporção, mais ou menos, até agora, e determinando a carestia da habitação. E é nestes termos, dada a affluência de imigrantes, em proporções talvez nunca vistas, (o que pode ser grão aos países novos, sobretudo porque nenhuma propaganda fazem), que os governos se encontram na obrigação de corresponder a esse movimento com a preparação do estabelecimento dos que veem em procura de trabalho e de vida mais fácil.

Todo o esforço se resume agora em evitar que os trabalhadores que desembarquem fiquem nas cidades, sendo mais fácil a sua immediata colocação no campo. Não basta a acção das repartições estabelecidas nos portos, é necessário que no interior ela seja secundada pela de outras entidades, officios ou particulares, cuja missão se resumiria em orientar o imigrante nos seus primeiros passos no país, proporcionando-lhe trabalho conforme as aptidões de cada um.

Está provado a sociedade que uma das causas principais do mal-estar dos imigrantes é a discordância entre a profissão que vão exercer no país escolhido e a que exerciam antes de partir, o que põe adiante na forçosa necessidade de aprenderem um officio novo, ou mais vulgarmente na de dedicarem-se a trabalhos para que se não exige preparação, o que é desvantajoso para os próprios imigrantes.

Também se torna necessário conseguir, na medida do possível, o estabelecimento de imigrantes em regiões, sob o ponto de vista da geografia física, semelhantes daquelas que deixou.

Ao tempo da minha encarregatura na Argentina, o jornal *A Prensa* de Buenos Aires chamava as atenções do Governo para os aspectos da questão que venho focando, e já em Setembro de 1923 noticiava o convite da Direcção de Imigração aos governos provinciais para que colaborem na tarefa da distribuição racional do imigrante, sobretudo de modo a impedir que ele permaneça, em seu próprio prejuizo ali, nas cidades, a complicar problemas como o da habitação.

A deslocação de massas humanas não pode continuar a fazer-se pela forma rotineira por que se tem feito até agora, e que equivale a entregá-las à sua própria sorte. Assim o compreenderam já vários governos europeus, pondo de accordo as suas leis de assistência ao emigrante, colocando este quanto possível em condições de se empregar com vantagem no país a que se dirige e também encaminhando-o para as regiões onde poderá fazer vida mais fácil.

Julgo interessante falar aqui na reforma da lei de imigração argentina de 1876 proposta ao Congresso da República em Julho do ano passado, para se ver como um dos países novos de civilização mais adiantada é o assunto encorado. O relatório que acompanha a proposta de lei, concordando em que para a república o problema do povoamento continua a ser um dos mais sérios, diz entretanto que a questão, de 1876 para cá, mudou muito de aspecto.

Em 1876 a Argentina contava 1.000.000 habitantes; hoje conta 9.300.000. A rede ferro-viária era então de 2.000 quilómetros; hoje é de 36.000. O intercâmbio subia a 84.000.00 de pesos ouro; em 1920 ascendia a 979.000.00.

Em 1876 a república argentina importava o trigo necessário ao seu consumo; hoje é um dos maiores celeiros do mundo.

O relatório refere-se depois ao que succedeu em outros países, especialmente nos Estados-Unidos, onde cada vez se fecham com mais severidade as portas aos imigrantes, e diz: «É indubitável que necessitamos população, mas não para as nossas grandes cidades, que estão pleóricas, e sim para os nossos campos. Necessitamos agricultores práticos, e não trabalhadores sem profissão. Convêm-nos trabalhadores experientados, que desde o primeiro dia produzam, aumentando as fontes de intercâmbio. Queremos homens enérgicos, com ânsia de progresso, fortes, animados de perseverança, espirito de luta e confiança no seu próprio esforço.»

Afirma que dantes se consideravam generosos os países de emigração, pelo facto de exportarem braços, e favorecidos os países que recebiam esses braços, e que hoje a generosidade é de quem admite a imigração, o favor recebendo os países que logram encaminhar a sua emigração.

Não tenhamos dúvidas de que a república Argentina se revê a sua lei de imigração é para regular a entrada de estrangeiros no mesmo sentido restrictivo em que já o fazem os Estados-Unidos da América-do-Norte. E sobretudo a agricultura que na América-do-Sul pede ainda braços, e ainda neste capítulo a Argentina não está

disposta, como vimos, a admitir quem se não apresente com possibilidades de constituir, desde a primeira hora, um bom elemento do trabalho.

A vida nas cidades sul-americanas torna-se difícil, e a emigração sobretudo composta de agricultores que não queiram no país a que se destinam exercer a sua profissão (tão farto dela aqui ficaram), tem de perder esse carácter desordenado que tem revestido até agora, de levos de indivíduos que na sua maioria vão ficar pelo litoral, pelas cidades, ignorantes do país onde o destino os levou e sem outra ideia que não seja a de enriquecer, enquanto a necessidade não começa a sua instrução e possível polimento.

Estamos em face dum problema para nós muito importante. E se aos cônsules e aos representantes de Portugal nos países de imigração, para onde os nossos se dirigem, cabe tarefa muito delicada na assistência aos seus compatriotas, não menos digno de attenção me parece quanto se relacione com a saída dos emigrantes para quantas regiões escolhe o espirito de aventura do português impellido pela miséria económica.

Num ponto todos estão de accordo, em matéria de emigração, e é que os países que a recebem fazem bem em querer seleccioná-la. Na república Argentina (aliás, também no Brasil), quando se promulgou a lei de 1876, a admissão do estrangeiro não obedecia a requisitos complicados, não exigia documentação completa. Claro que a admissão do imigrante dependente de inúteis cautelas complica o assunto, mas também seria hoje imprudente abrir as portas como noutros tempos. E é por isso que, entre os dois extremos, a proposta de lei sobre a reforma da lei argentina pretende dar à admissão do imigrante um carácter provisório. Se dentro de determinado prazo não se provar que são menos verdadeiras as declarações feitas ao entrar no país, a entrada toma carácter definitivo. No caso contrário voltam as cousas ao momento inicial, sem que o repellido possa queixar-se.

Não cabe, neste meu simples artigo sobre interesses portugueses na América-do-Sul, fazer aqui a critica das leis de emigração e de imigração, e, portanto, das que regulam todo o movimento de passageiros que entram e que saem, mas ficam melhor ou peor focados alguns aspectos do problema em que esse movimento importa, para que outros com mais vagar e mais competência digam também de sua justiça.

Findarei as minhas considerações sobre o assunto por me referir ao Hotel de Imigrantes de Buenos Aires, único que conheço melhor por ali ter ido várias vezes enquanto encarregado de negócios na república Argentina. Todo o passageiro que viaja em 3.ª ou classe especial de emigrantes tem direito a ser alojado gratuitamente nos hotéis de imigrantes que a nação mantém, ou em alojamentos alugados para tal efeito, durante cinco dias. Passado este prazo, a Direcção da Imigração cobra, se assim o entende, diária que não excede um peso.

É claro que, se o exigirem as circunstâncias, o Governo pode ordenar que se não admitam mais imigrantes no Hotel. O mesmo direito a alojamento tem, dentro do primeiro mês de desembarque, o passageiro de 3.ª que entra no país sem passar pelo Hotel de Imigrantes. Também o imigrante alojado no Hotel tem direito a ser conduzido por conta do Estado ao porto ou estação mais próxima do lugar onde pretende estabelecer-se, sem que goze duas vezes deste beneficio, nem depois de trinta dias de permanência.

Também seria interessante descrever aqui as facilidades de estabelecimento oferecidas pelos diversos Estados do Brasil e provincias argentinas, mas isso levar-me-ia muito para além do simples artigo ou estudo que pretendi escrever; e, portanto, seguindo o programa que me tracei, trate-se agora da grandeza da nossa colónia na república Argentina, do comércio que actualmente mantemos com ela e ainda do problema da colocação dos nossos vinhos licorosos, por que tanto se tem batido o illustre ministro Dr. Alberto de Oliveira.

A nossa colónia na república Argentina não é tão pequena, ainda assim, como à primeira vista pode parecer. Mas encontra-se muito disseminada pelo território nacional e os núcleos existentes nas cidades são pouco numerosos em relação ao total da população. Assim é que em toda a república deve haver, segundo os melhores cálculos, para cima de 16.000 portugueses, e só em Buenos Aires mais de 8.000. E é claro que estes nossos oito mil portugueses custam a encontrar numa população de 2.000.000 de almas.

De todas as maneiras, estes 16.000 portugueses que lutam pela vida com maior ou menor vantagem na grande república do Prata, constituem um valor muito para defender, tanto mais que alguns dos nossos compatriotas, pelo seu honesto trabalho, conseguiram elevar-se a uma posição de relevo na agricultura, na industria, no comércio e na sociedade argentina.

(Continua).

J. M. DE BETTENCOURT FERREIRA.



COLONIAS.



Preparação e Educação dos Colonos

(2.º CONGRESSO COLONIAL NACIONAL)

O nosso emigrante encontra-se, sob o ponto-de-vista da educação geral e cultura profissional, abaixo dos seus concorrentes de outros países. A sua inferioridade a respeito do emigrante holandês, alemão ou inglês tem sido muitas vezes apontada para que valha a pena insistir em demonstrá-la recorrendo às informações publicadas, oficiais ou outras. De aqui resulta que nos países para onde emigra, e especialmente no Brasil, a maioria só encontra ocupação em misteres duros e mal remunerados e bem se pode dizer que é «com o suor do seu rosto» que esses milhares de emigrados sustentam as suas famílias e enviam para Portugal o ouro com que temos conseguido manter uma grei parasitária, uma produção atrasada e defeituosa e uma vida económica — e até política — precária e atribulada.

As condições das nossas colónias africanas e oceánicas não permitem que aí o emigrante encontre ocupação pela forma por que a encontra no Brasil ou nos Estados Unidos e são essas condições que tornam impossível a imediata derivação destas correntes emigratórias para o Portugal Africano. Ao colono, ainda mais do que ao emigrante, é precisa uma educação especial que já se tem preconizado mas que até hoje ainda não se tentou pôr em prática. É certo que não basta preparar indivíduos para colonos e é preciso que por parte do Estado, das Colónias, das empresas coloniais, tenham sido criadas circunstâncias que contribuam para seu aproveitamento, mas, como tanto se pode dizer que as colónias não se desenvolvem por falta de pioneiros devidamente apetrechados como que não vale a pena preparar indivíduos por não termos condições apropriadas para a sua utilização. e, por outro lado, tudo indica que estamos entrando numa fase de desenvolvimento colonial que necessitará em breves anos de ocupar alguns milhares de portugueses, é mais do que nunca necessário dar a esses portugueses uma educação que nunca lhes será inútil, mesmo que não saiam da metrópole para as colónias.

Num ensino em que se encontra tanta coisa inútil não é de mais que se criem cursos destinados à preparação de homens a ocupar nas colónias, ainda correndo o risco de elas não precisarem de os ocupar. Mas tal não se dará e quanto maior for o número dos que para tal apetrecharmos mais aumentaremos as condições do desenvolvimento das colónias e mais intensa há-de ir surgindo a neces-



DR. JOSÉ GONÇALO SANTA RITA.

Ilustre professor efectivo dos liceus e da Escola Colonial, a quem foi confiada a secção «Colónias» da *Alma Nova* e que nos próximos números aqui publicará sobre as mesmas alguns artigos de muita actualidade e interesse.

sidade de novos recrutas; na emigração, como na colonização, a semente multiplica-se um por mil e por uma bem dita imprevidência cada um que triunfa arrasta após ele centos que não repararam nos que caíram inglòriamente.

O decreto 5:827 de 31 de Maio de 1919 criou na Escola Colonial um «curso para colonos, empregados no comércio e, em geral, para todos que se proponham exercer a sua actividade nas colónias». Não me compete tratar das condições de funcionamento e deficiências da Escola Colonial. O ministro que referendou o decreto 5:827 manifestou uma boa vontade e generosas intenções que não devem deixar de merecer público aplauso, mas os efeitos não corresponderam às suas boas intenções e pelo que toca ao 2.º curso criado pelo decreto nunca chegou a funcionar, nem tinha as necessárias condições de vida. Com efeito — além das condições especiais da deficiente organização — como já ponderara lúcidamente Consiglieri Pedroso falando sobre este assunto no 1.º Congresso Colonial, o indivíduo que emigra para as colónias não vem procurar um curso cuja utilidade não compreende. No

nosso país os cursos e escolas existem mais por imitação de idénticas organizações estrangeiras do que pelo reconhecimento da sua necessidade, e naquelas ocupações para que não é preciso um diploma como prévia condição de entrada o português de boa vontade dispensa a escola, fiado na *habilidade*, na *vocação* e na *prática*. As escolas são na sua quasi totalidade frequentadas com o objectivo da conquista do diploma. Deve por outro lado confessar-se que o ensino anda frequentemente divorciado da realidade e da utilidade, pelo vasto mundo das teorias e nas muletas da recitação dos livros. Um curso para ser frequentado por «colonos, empregados no comércio e todos que se proponham exercer a sua actividade nas colónias», destinado portanto a pessoas que costumam ir exercer essa actividade sem qualquer preparação prévia e num país com as nossas tradições escolares, tem de apresentar um quadro de estudos em que juntamente com as matérias novas, de preparação especial para a vida colonial, se encontrem as habilitações que já são geralmente procuradas e necessárias aos indivíduos que se empregam na administração das empresas comerciais e industriais: a contabilidade e escrituração comercial, a estenografia e dactilografia, o ensino das linguas modernas. Quer dizer: o que o aluno encontra em qualquer escola té-

cnica e mais o que especialmente deve encontrar em uma escola que prepara colonos: línguas indígenas, higiene colonial, etnografia colonial, noções muito resumidas de geografia e história colonial; além disto as noções elementares de topografia e a educação física já preconizadas em uma tese apresentada ao primeiro congresso colonial, ginástica, natação, equitação e outros desportos. É evidente que as condições de instalação de uma escola desta natureza tem de ser muito diferentes das deploráveis condições em que se encontra instalada a Escola Colonial; precisa, além disso, de uma propaganda intensa, mas fácil, não restando dúvida de que não lhe faltarão alunos.

Se o projecto de Reforma da Instrução Pública apresentado ao Parlamento pelo sr. João Camoêz chegar a ser aprovado, na organização das escolas técnicas elementares propostas na base 9.ª deveria constituir-se uma secção colonial, que lamentavelmente esqueceu nas numerosas secções previstas para estas escolas. Esta secção deveria funcionar primeiramente em uma das escolas de Lisboa, criando-se depois em uma escola do Porto quando houvesse pessoal habilitado e mais tarde nas localidades aonde a emigração para as colónias justificasse a sua existência. Infelizmente não só a aprovação desse projecto, apresentado ao parlamento em junho de 1923 e que não se realizará já na corrente sessão legislativa, pode demorar muito, mas ainda é de recear que as escolas técnicas elementares propostas e provenientes da fusão das escolas primárias superiores, comerciais e industriais não tenham na sua maioria o «carácter essencialmente práctico e de aplicação immediata às necessidades da vida» que o seu autor lhe preconiza, o que é de prever dadas as condições em que funciona a maior parte das escolas que as hão-de constituir e a orientação e preparação do seu professorado. Nestas condições é preferível, para garantia de orientação prática e realização immediata, e para centralizar no mesmo instituto todo o ensino da mesma natureza, constituir este curso para colonos uma secção da Escola Colonial, para a qual os professores seriam recrutados por meio de contratos a curto prazo, renováveis. Esta secção deveria funcionar quando estivesse convenientemente instalada e com o pessoal necessário, pois de contrário cair-se-ia no erro da organização actual.

Outro curso da mesma natureza devia criar-se no Porto e outro em qualquer grande centro de emigração, que poderia ser Guimarães, aonde a Sociedade Martins Sarmiento já tomou a iniciativa de criar um curso colonial elementar.

A despesa a efectuar seria pequena e ainda para aliviar o Estado se poderia organizar um patronato que administrasse a primeira escola criada e obtivesse fundos recorrendo às colónias e empresas coloniais, que não negariam pequenos subsídios que, somados, dariam para a manutenção dela.

Temos até agora considerado a preparação para as profissões subalternas do comércio, da indústria, ou da burocracia.

Quanto à preparação do colono agrícola deve ela ser feita em escolas agrícolas que se devem criar nas próprias colónias como, por exemplo, fez a França nas suas colónias. Uma escola técnica de agricultura colonial, ou uma secção de agricultura colonial em uma escola técnica elementar constitui um meio de acção e de propaganda que não deve pôr-se de lado, devendo manter-se na metrópole, mas igualmente se torna indispensável criá-las nas colónias. Em primeiro lugar, se nas profissões do comércio e da indústria ainda a frequência da escola não logrou impor-se indiscutivelmente, muito peor acontece na agricultura, e o futuro agricultor, que na metrópole não frequenta escolas agrícolas, não as procurará para se preparar para a emigração. Em segundo lugar só na colónia se poderá ministrar um ensino agrícola verdadeiramente práctico, porque só aí o aluno se encontrará nas condições de meio em que terá de trabalhar; por maior que seja o carácter práctico do ensino de um curso de agricultura colonial ministrado na metrópole, a diferença das condições de meio impõe-lhe sempre um coeficiente de carácter teórico que não pode anular-se. Finalmente a população dessas colónias há-de recrutar-se entre os filhos dos colonos — comerciantes, empregados de comércio, militares, administradores, burocratas — e aqueles que pelas más condições de fortuna não poderem prosseguir estudos, assegurará uma preparação prática para uma profissão útil e de vantajosas perspectivas, áqueles que os puderem seguir encaminhará para as carreiras de carácter agrícola e preferível será que venham a seguir os cursos dos Institutos de Agronomia ou Veterinária de que a lançar-se na carreira militar, nas faculdades de Direito ou de Letras. Mais vale atrair os adolescentes que vivem nas colónias para as escolas de agricultura do que prosseguir no erro de multiplicar em Angola, Cabo Verde ou Moçambique, réplicas peoradas dos nossos péssimos liceus, com o seu ensino clássico e livresco.

JOSÉ GONÇALO SANTA RITA.

NOITE DE NATAL, NA ALDEIA

É quasi meia noite, a igreja está cheia de fiéis que vieram de sítios próximos assistir à Missa do Galo. Ranchos de rapazes e de raparigas vão chegando. Um silêncio religioso paira em toda a velha ermida. Silêncio mystico, que nos segreda: — «vês além aquele rapaz forte que reza?! Está a pedir a Deus que o ajude a suportar com galhardia o fardo da *militança*, quando para lá fór. Aquela rapariga com as faces empalidecidas pela luz das velas do altar, supplica aos Céus que o seu noivo volte de-pressa da América; e lá ao fundo aqueles pobres velhos, pedem ao Senhor um ano muito bom para as suas terras e muitos anos ainda para as suas vidas... Cá fora, vê-se em cada *monte* uma luzinha. Ali com certeza *faz-se a meia noite*, queima-se o madeiro do Natal e admira-se o presépio. Muito confusas, veem até nós vozes que se adivinham:

Nasceu Menino Jesus
Nossa palhinha deitado...

Depois, de mais longe ainda:

O' meu Menino Jesus,
A vossa Capela abeira...

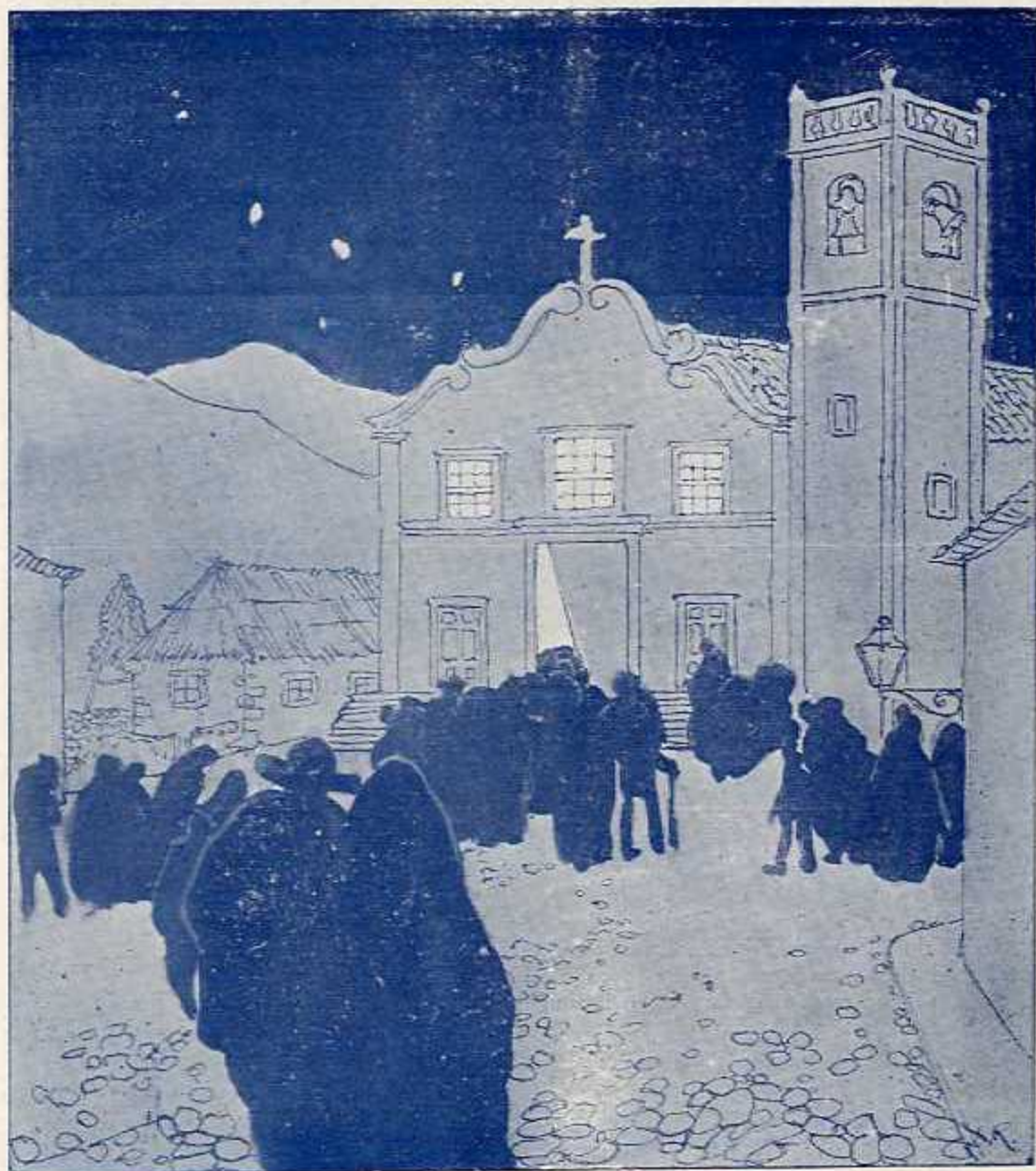
E a própria noite assemelha-se a um templo grandioso, onde o homem religiosamente se eleva em cânticos ao Senhor, e os animais, as arvores, as pedras, o vento e o mar acompanham-no num doce murmúrio...

J. G. MURTA.



RETRATO

(Des. de Alves Cardoso)

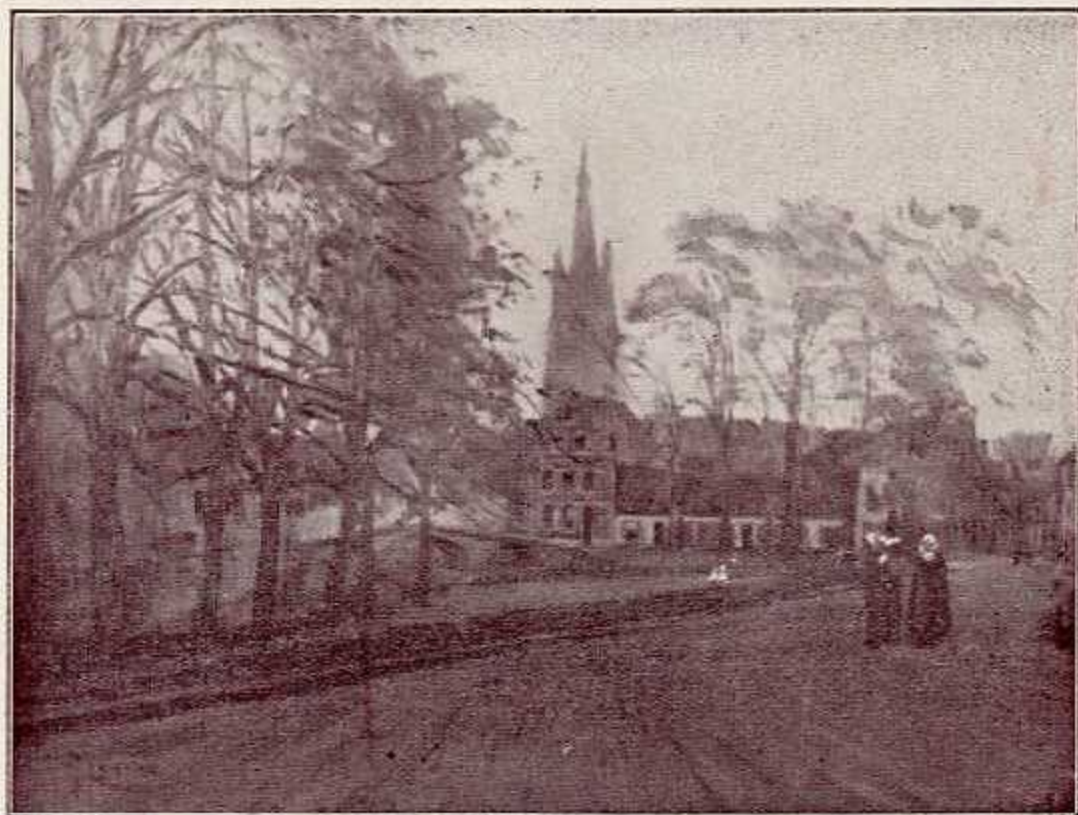


MISSA DO GALO
(AÇORES)

Por DOMINGOS REBÊLO.

ARTE

EXPOSIÇÃO JOSÉ CAMPAS



BRUGES, DO SILÊNCIO...

José Campas

TERMINADO o seu pensionato oficial no estrangeiro, o sr. José Campas, regressando ao País, quis fazer em Lisboa uma exposição de todos os seus trabalhos, e já mereceria só por isso o ilustre pensionista os nossos mais devotados aplausos, se os não merecesse ainda também pelo inegável valor da grande maioria, senão todos os seus quadros.

Aguardando actualmente o leito quem na nossa revista tem a seu cargo as críticas às exposições, limitamo-nos a salientar alguns dos quadros que mais nos impressionaram na exposição do sr. José Campas, prometendo oportunamente fazermos publicar nestas páginas um estudo, quanto possível completo, sobre o artista.

Percorrendo delidamente os duas salas da exposição, julgamos dignos de referência especial todos os trabalhos pertencentes ao Estado e que o artista enviou do estrangeiro, bem como os retratos de «Cardial Mercier», «Madame José Campas», «Aristocrata Russa» e «Mademoiselle M. Teresa Cabral de Moncada», e ainda as preciosas telas, entre muitas mais, das 80 restantes do catálogo, que tinham os títulos «Bruges, do silêncio...», «Dia triste—Namur», «Barcos» (36), «O Grande Canal—Veneza» e «Casas antigas» (6). «Surtout soyez dis-

cret...» é um quadro de carinhoso estudo e cor esplêndida, mas tem um dedo comprometedor.

Como obra de conjunto dum só artista, é das melhores exposições que se tem realizado nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Das Exposições de Leilão de Barros, João Vaz, Carlos Reis, Abel Cardoso e outras, seqüentemente abertas, trataremos no próximo número.



M. M.

JOSÉ CAMPAS



José Campas

A "Buena-Dicha" Constância



PAISAGEM

POR

EMILIANO DA COSTA

(ILS. DE ROBERTO NOBRE)

TUDO FLAMEJA AO SOL E TUDO EM SÊDE ESTALA!
AS PLANTAS, A SECAR, GEMEM NO SEU CALVÁRIO;
CADA RAIZ É UMA BROCA QUE RESVALA
NA ESTRATIFICAÇÃO JURAICA DO CALCÁREO.

«ÁGUA, ÁGUA, SENHOR!» É A SUPLICANTE FALA
DA VINHA, A BRACEJAR, — CELINI LAPIDÁRIO
QUE OFERECE O TOPÁZIO, O RUBIM, A OPALA,
A QUEM LHE DESSEDEnte O IMO TUMULTUÁRIO.

CONCENTRA-SE A GLICOSE EM ABRASADOS SUCOS;
ZUMBEM AS VESPAS D'OIRO, E CHEGA DO HORIZONTE
A GRANDE BACANAL AZUL DOS MELHARUCOS...

EMQUANTO, SÔBRE A VINHA E NUM CÉU AFRICANO,
COMPÕE ODES DE FOGO — ALADO ANACREONTE! —
O VULTO MAJESTOSO E ALTO DUM MILHANO.

EMILIANO DA COSTA.



NOSSO POETA.



OS SONETOS

PORQUE exclusivo, inexplicável jeito
só consigo manter a ideia presa
nestas prisões, onde a maior beleza
não justifica o mínimo defeito?

Não sei! As pedras belas que aproveito
de entre as que junto p'ra maior empresa
são poucas sempre; e eu ergo, com surpresa,
sempre o mesmo edifício sóbrio, estreito...

Dor isso emprego a minha força inteira
em adaptar a alada prisioneira
ao curto espaço onde o meu gosto a isola,

por tal forma que a todos persuada
de que morria sendo libertada,
como as aves nascidas na gaiola...

(Inédito).

FRANCISCO COSTA.

SONETO DE AMOR

MESMO ligeiras como o Tempo, aceita
As juras que te dou, sempre leais,
A eternidade do Amor é feita
Toda d'instantes, que não voltam mais.

A própria vida, amor! alta e perfeita,
Rola sobre horas frágeis e banais,
É a Terra, nem floria satisfeita,
Se as rosas fôsem todas imortais.

Quando o teu gesto emmurhecer, cansado,
E eu, com sede da Forma, insaciado,
Parar em frente doutro corpo em flor,

Não sofras, pois que dêste sem fraqueza,
Os teus breves segundos de beleza
Para o minuto eterno do Amor!

(Inédito).

NUNES CLARO.

LADAÍNHA DA SAÚDADE

I

DIZ que é triste o meu olhar
— Olhar de noite e além... —
É porque o trago a rezar
Longas saúdes de Alguém...

Embal-me, ó minha mãe;
No teu jeito de embalar,
Que eu tenho a alma em refém,
Amortalhada em luar!...

Perdi o sol... Foi assim:
— Numa noite sem ter fim
Achei-me envolto em tristeza...

Saúdes do meu amor
Fazem-me erguer ao Senhor,
Em cada verso, — um rezo!...



ADELINO DA PALMA CARLOS (des. de M. Torres)

II

'SCREVO um poema de humildade...
— Humilde sou, afinal... —
Ladaínha da Saúde
— Rainha de Portugal!

Cavaleiro da meia-idade
Em demanda do Graal,
Quero o Sol, a cloridade
Do teu olhar sem igual!...

Mais que esse embalar, tão doce,
Da que em seu ventre me trouxe,
Quero embalar-me em teus braços;

E sentir teus dedos belos,
Doilejando em meus cabelos,
Sagrar-me rei dos espaços!...

Adelino da Palma Carlos.

Éis um jovem poeta que começa vitoriosamente. Dentre a moderna geração algarvia, ele pode já considerar-se uma excelente afirmação. Publicou em 1923 dois livrinhos curiosos — *Beatas Doíadas e Nalaf* — sustentando-se, sobretudo, o lirismo saúdoso deste último. Não tem ainda vinte anos. Saúdamo-lo.

A
CANÇÃO
DAS
ÁGUAS
(INÉDITO)

*Cantam as águas p'la ribeira fora,
cantam as águas numa voz magoada!
E eu não entendo esta canção molhada
que me perturba e me entenece agora!*

*Pela ribeira vão contando as águas,
cantam as águas de maneira nova...
— Quem foi o poeta que inventou a trova
que as águas cantam, repelindo as mágoas?*

*Cantiga assim não tinha ouvido ainda,
nem sei até se outra mais linda existe!
Por ser tão linda é que a cantiga é triste!
Por ser tão triste é que a cantiga é linda!*

*As águas cantam de maneira nova...
Oíço uma voz nas águas da ribeira...
— Quem foi que disse pela vez primeira
a soluçante e perturbada trova?*

*Quem a inventou, tão magoada e calma,
e quem a disse pela vez primeira?
— Quem deu a voz às águas da ribeira
e com a voz lhe deu também a alma?*

*Alma das águas sobre as águas indo,
ó alma errante, qual o teu segredo?...
— Oíço a cantiga de mistério e medo
e a sua dor vai dentro em mim caindo!*

*Dentro das águas chora a voz de alguém,
chora uma voz errante e sem destino...
Em vão quero entendê-la e nunca atino
com o sentido que a cantiga tem!*

*Linda cantiga de mistério e dor,
não sei tirar-te já do meu sentido!
— Que estranhos ritmos que eu não tinha ouvido!
— Que lindos versos que eu não sei compor!*

*Quem te inventou, linda cantiga de água?
Quem te inventou assim tão linda e triste?
Em ti uma alma incompreendida existe,
que eu bem na oíço em tua voz de mágoa!*

*Canção de dor toda molhada em pranto,
quem é que sabe o teu mistério fundo?
Parece até que veio do fim do mundo,
a tua voz que me perturba tanto!*

*Vaga e distante esta canção molhada
enche a minh'alma de mistério e medo...
— Cantiga errante qual o teu segredo?
— Quem é que chora em tua voz magoada?*

*Pela ribeira vão contando as águas,
cantam as águas de maneira nova...
— Quem foi o poeta que inventou a trova
que as águas cantam, repelindo as mágoas?*



Através das Províncias

NO MINHO

Caminhos de ferro.

ENTRE as necessidades mais urgentes, que se impõem para o progresso duma nacionalidade, pode apontar-se a dos caminhos de ferro, que facilitam as condições naturais de interdependência social, tornando frutificado, produtivo e consciente o próprio trabalho. E, de facto, a confirmar as palavras dum distinto economista, que disse «estar fora da vida económica a região que não possuir caminho de ferro» — o exemplo demonstra que, na actualidade, os países mais prósperos são os que — a-par dos meios de transporte marítimo, fluvial ou artificial de canais — possuem uma completa, perfeita e vasta rede ferro-viária, capaz de servir inteligentemente todas as regiões importantes e laboriosas.

Olhando para as estatísticas —quasi sempre muito curiosas e elucidativas — encontra-se a inferioridade lamentável das comunicações rápidas por estradas de ferro — como simbolo flagrante duma existência social mediocre e estacionária, dependente do estrangeiro, do acaso... Enquanto na Bélgica, três vezes

mais pequena do que Portugal, por cada cem quilómetros quadrados, a extensão das linhas é de 23, na Inglaterra e na Alemanha de 12, na Suíça 11 e na França 9 — aqui está-se muito aquém desse número, resvalando em cerca de 3,5...

Evidentemente, nestas condições, a agricultura e a indústria vivem limitadas a um ambiente restricto, sem facilidade de expansão, pela falta de meios toleráveis de comunicações...

Destarte, nem sequer estimulando o trabalho, tudo permanece como que adormecido, latente, reconhecendo improficuas as suas melhores intenções... Ora a verdade é que o Estado deve favorecer inalteravelmente o valor dos esforços e da iniciativa individual, no exercício da indústria dos transportes,

porque, fazendo-o, procede no interesse geral do país. Para nosso mal, porém, a nação permanece indiferente, porque onde se ergue uma vontade arrojada, logo surge o impecilho, o obstáculo de argumentos atrapalhados, mas sem valor...

Quando se fala em caminhos de ferro, argumenta-se, agora com a electrificação, para aproveitamento de esquivadas quedas de água...

Deve-se entretanto acentuar como carece de fundamento a ideia vulgar a que me acabo de referir, quando é certo que o uso da electricidade só poderia prestar vantagens, à semelhança do estrangeiro, em linhas e regiões movimentadíssimas, com um intenso movimento urbano e sub-urbano, onde os comboios passassem com incalculável frequência, visto as despesas permanen-

tes com material fixo e circulante serem superiores. De resto, a ideia dos comboios eléctricos, mais rápidos e leves do que os comboios a vapor, falhou na própria Itália, reconhecendo-se que as despesas aumentavam e o conforto deixava muito a desejar para os passageiros. — isto pondo de parte determinados problemas de carácter técnico, ainda complicados, sobre as correntes continuas ou alternativas, sobre o condutor subterrâneo ou aéreo da electricidade...

Depuis mon entrée au Portugal je marche d'émerveillement. Je ne sais ce qu'il y a lieu d'admirer le plus, de la richesse des plaines et des cultures, des panoramas splendides que l'on découvre des montagnes, de la beauté et de l'intérêt historique des monuments des villes. Et par-dessus tout, j'ai été reçu avec une courtoisie si égale des attentions si délicates que j'emporterai de ma visite à cette belle province du Minho un impérissable souvenir.

Braga 23 Août 1914

Charles Campeon

Fac-simile duma carta dirigida pelo engenheiro sr. Charles Campeon : : ao nosso collaborador e amigo sr. Dr. Mário Gonçalves Viana : :

Num país como Portugal, a valorizar a riqueza incalculável dos portos de mar e do solo fertilíssimo, deve-se acrescentar uma rede ferroviária extensa, de maneira a servir as necessidades mais inadiáveis da provincia, tão injustamente esquivadas pela centralização asfixiante.

O Minho, é das provincias onde se sente, com maior intensidade, a falta de meios de comunicação fáceis, atenta a riqueza extraordinária de toda a sua vida laboriosa e activa, a contrastar com certas estradas em misero estado, quasi intransitáveis... Por isso, é de acentuar a importante função económica, que vem desempenhar, para a existência de toda a Região, o novo caminho de ferro, via reduzida de um metro, chamado do *Vale-do-Carado*. Braga, a antiga cidade

que agora progride trabalhando, fica ligada a Espozende, o seu único porto de mar, por meio dessa linha que segue desde a Póvoa-de-Varzim, por aquela via, Barcelos até Guimarães. Unindo o útil ao agradável, servindo concelhos destituídos de comunicações dignas desse nome, fábricas e terras fertilíssimas, ubérrimas, ela fica, sem dúvida, uma das mais formosas estradas de ferro do país, sem possibilidade de confronto, pela variedade e beleza da paisagem rica que deslumbra sempre os estrangeiros...

Um dos ilustres engenheiros franceses que, para estudar o traçado da nova linha, visitou a província, Mr. Charles Campenon, escreveu, nas encantadoras expressões de admiração, que vão em autógrafo, a sua surpresa, palavras honrosas, mas encantadoras e delicadas, como rendas suavíssimas...

O distrito de Braga, graças ao esforço benemérito do concessionário, sr. Francisco de Sousa Magalhães, ficará possuindo, a fomentar a sua vida de trabalho progressivo, um dos factores mais importantes para o desenvolvimento de tantas coisas inaproveitadas até agora, entre as quais, as praias da costa de *suare-mar*.

Mas há imenso a fazer além disto, como a ligação de Viana-do-Castelo a Ponte-do-Lima até Arcos. Todo o Minho vive asfixiado, sem meios de comunicação, cansado de esperar em promessas fantasiosas...

Agora, que se trata também de conseguir a concessão duma outra linha férrea de Braga a Mousão, por Vila Verde, Ponte-da-Barca e Arcos-de-Valedevez, urge reconhecer a utilidade colossal deste benefício importantíssimo, e por isso toda a província, no seu próprio interesse, o deve favorecer, bem como o Estado, que só terá a lucrar com uma nova actividade económica, um aumento crescente para as suas contribuições.

Num país pequeno como Portugal, conseguir levar a efeito um empreendimento desta natureza, que traz consigo o renascimento da província inteira do Minho, que na economia nacional representa um valor, significa isso um grande passo para o progresso consciente, ordenado, capaz de levantar o moral de toda a região, tão abatido por vezes. A própria *ria reduzida* está bem de harmonia com as condições especiais do tráfego, da curta extensão da linha de ferro, e com tantas coisas, na aparência, sem ligação, mas que tem uma importância excepcional no triunfo de alguns empreendimentos, que necessitam ser adaptados à idiosincrasia criada pela natureza e pela vida característica e especial da terra abençoada, que agora se quer fazer ressurgir para o trabalho produtivo, para o progresso metódico, sereno, compensador.

MÁRIO GONÇALVES VIANA.

NO ALGARVE

De Vila Real ao Promontório de Sagres.

O Minho e o Algarve são as duas províncias portuguesas de aspectos pitorescos mais característicos. Uma vale bem a outra. São ambas, dois floridos caneiros, dois capitosos tufo de verdura, de complicado e garrido matiz.

Comercialmente, o Algarve pode considerar-se um pomar e uma oficina. A terra e o mar em um hino formosíssimo ao trabalho. O mar é, porém, a grande sedução do algarvio; vem-lhe desde as épocas mais remotas essa tendência, esse apêgo às ondas. «A velha Cartago — diz-nos Tomás Cabreira no seu *O Algarve económico* — comia o peixe

algarvio, que era exportado até todas as ilhas da Grande Grécia.

«Teve a pesca — acrescenta — grande importância no Algarve durante toda a nossa história, fazendo-se em larga escala a do atum, baleia e coral, e gozando os pescadores de grande privilégio, entre os quais o de trazerem punhal, espada ou adaga, quando fossem ou viessem da pesca para suas casas.»

O valor comercial das suas indústrias de pesca é hoje, de facto, um dos mais consideráveis na nossa balança económica. Contam-se por centenas as fábricas construídas só nos últimos vinte anos ao longo de todo o litoral algarvio e sobe a centenas de milhares o numerário em contos drenado do estrangeiro para Portugal, simplesmente com o produto da exportação de conservas de peixe.

Para essas conservas arbitrou Tomás Cabreira, de harmonia com as estatísticas de exportação, as seguintes percentagens, relativas ao valor total da pesca:

Sardinha	57,4 %
Atum	20,5 %
Outros peixes	22,1 %

Outras indústrias extractivas do mar, e também do relativo valor de exportação, são o sal e os diversos mariscos. Depois de Setúbal, o Algarve é a região do país que tem melhor sal, mas este não pode fazer concorrência ao estrangeiro, devido aos antiquados processos de extracção que ainda aí se empregam e que convém modernizar.

Agricolamente, a importância do Algarve está principalmente nas suas primícias arborícolas.

Região pouco pluviosa, pelo abandono imperdoável em que o Estado tem mantido e continua a manter os seus incultos, as plantas xerófilas são as que, naturalmente, melhor se adaptam à região. A figueira, a amendoeira e a alfarrobeira, presidem assim a quasi todos os aspectos arborícolas da província, e a exportação dos seus frutos influe consideravelmente na balança económica do país.

A outra importantíssima indústria arborícola do Algarve — a da cortiça — tem atravessado nos últimos anos uma grave crise, para a qual muito tem contribuído a incúria dos governos, permitindo que quasi todos os países apliquem direitos proibitivos à importação da rólha deixando livre a da prancha.

Uma indústria que o Algarve precisa e tem jus a desenvolver é a do turismo. A-par desta, as que lhe poderemos considerar dependentes, como sejam as da doçaria regional, esterilização de frutos e manufactura de artefactos de palma colorida, pita e esparto.

Quanto a comunicações, era de toda a conveniência instaurar com a Espanha para que definitivamente seja terminado o ramal de via férrea Gibraltár-Ayamonte. Ligado este com a linha portuguesa, por meio duma estação marítima em Vila Real-de-Santo António, como foi proposto no primeiro Congresso Regional Algarvio, em 1915, todos os turistas que anualmente visitam Andaluzia encontrariam assim no Algarve, desde que o terror das viagens e dos maus hotéis se dissipasse um pouco mais, um derivativo muito agradável, passando, certamente, a fazer carreira por Lisboa, a fim de virem tomar o *Sud-express*, em vez de regressarem pela mesma linha.

Faro, Olhão, Tavira e Vila Real precisam, porém, modernizar-se mais, adquirir hábitos de região de turismo, abrir novos e bons hotéis e ter higiene e compostura.

Lagos e Portimão, ambas duas belas cidades, como detentores inegáveis da grande estação do turismo da província, não devem esquecer-se de seguirem à risca os bons conselhos e de abalancar-se a iniciativas arrojadas.

Praia-da-Rocha, Monchique e Sagres—três pontos de visita obrigatória—devem ser extremamente cuidados.

Enquanto não for possível levar até pelo menos Vila-do-Bispo, um troço de via férrea marginal, que vá passar depois por Aljezur e Odemira, é indispensável que ao menos se estabeleçam carreiras de camiões para Sagres, como já existe, com inegável lucro, entre Portimão e a Rocha durante a época balnear. As mesmas entre Portimão e Monchique, cujas termas nas Caldas, devem desde já ser entregues a uma companhia empreendedora, que se comprometa a apresentar um certo número de benfeitorias dentro de determinado prazo, não muito longo.

A Rocha e as Caldas têm todas as características naturais mais do que necessárias para chamarem a si, anualmente, milhares de turistas. Resta, apenas, que o capital e iniciativa algarvias se resolvam a arriscar alguma coisa... e que as instâncias superiores, diga-se com verdade, lhes não procurem, ao menos, tolher os movimentos...

Outras estâncias e povoações algarvias que o turista que se demore na província visitará, certamente, são Monte Gordo, tipo de praia soalheira, sem uma única rocha, a dois quilómetros de Vila Real; Carvoeiro, próximo de Lagoa, com a sua capelinha simbólica, em cuja nave sobe a reza das ondas, e entre ambas a imponente vila de Albufeira, alcandorada sobre as rochas, na baía do mesmo nome.

Com a devida vénia vamos transcrever duma bela revista portuguesa do Brasil, alguns notas dignas de arquivo, sobre esta importante vila. El-las:

"O PAÍS E O TRÁFICO INTERNACIONAL"

Publicação de propaganda comercial
: : Única, no género, entre nós : :

EDITORIA — Progresso Nacional, L.^a — FARO

Albufeira e a sua costa ficam sob a protecção luminosa dos faróis de Alvor e Faro. O caminho de ferro do Algarve passa pela estação de Albufeira, situada a 324 quilómetros do Barreiro, entre as estações de Aljezur e de Lagos e não poucas são as estradas e caminhos que a ligam ao interior da província.

Não se sabe quando foi fundada; mas já existia no tempo dos romanos com o nome de *Baltan*, ficando desde 716 sob o poder dos árabes com o nome de *Albuhayra*, derivado de uma lagoa que ali havia. Já nesses tempos era não só a pesca o emprego dos seus habitantes, mas ainda o comércio com os portos marroquinos.

Conquistada aos mouros por D. Afonso III em 1250, foi dada à Ordem de Aviz, mas a conquista reduziu-a à miséria porque deixou de ser feito o comércio com o norte de África e por isso ficou sendo a pesca a sua única fonte de receita. Apesar disso, foi melhorando de situação, intensificando as pescarias, e assim teve regalias no foral que lhe deu el-rei D. Manuel, em 1534.

No ano seguinte, o mesmo rei doava os direitos da dízima do atum e mais peixes, ao duque de Coimbra.

Hoje é uma vila florescente, com seu porto frequentado, e de qual não raras vezes saem cáiques de marinheiros casados, que chegam até a Mauritânia ou, ao longo da costa africana, até Angola!

Não sabemos porque, não tem sido feita como se deve a propaganda do Algarve, terra cheia de encantos e de monumentos, sob o ponto-de-vista do turismo. Albufeira, por exemplo, não tem pouco para ser visto.

Assim a Igreja Matriz, mandada construir pelo Bispo do Algarve, D. Francisco Gomes de Avellar, em substituição da que foi arrasada pelo terramoto de 1755, é um dos melhores e mais notáveis templos algarvios; — a *Misericórdia*, cuja igreja foi mesquita de mouros; o edifício antiquíssimo do *Hospício*; as igrejas de S. Sebastião e de S. António; e a capela de Nossa Senhora da Graça, perto da qual há feira em 15 de Agosto e na qual há dois ricos museus mandados fazer por D. Micolle de Brito, e o cônego Carreira de Noroio, sob as rochas que limitam a vila pelo Sul e na qual se refugiaram os mouros, que puderam escapar aos ferros dos conquistadores portugueses. — O brasão de Albufeira é uma vaza de ouro em campo azul.

Além dos lugares e templos acima-indicados, possui ainda Albufeira, dignos da visita do turista, as ruínas do seu vetusto castelo, formoso atestado das origens da nacionalidade, alguns aspectos encantadores da sua curiosa praia de banhos e, para um passeio nos subúrbios, sobre a costa, os emocionantes lugares «Sesmaria», «Vale-de-Faro», «Olhos-de-Água», etc.

MATEUS MORENO.

Francisco Alexandre da Piedade

■ FARMACÊUTICO ■

ALBUFEIRA



ALBUFEIRA — Uma linda vista da Farol

:: José Francisco Nascimento ::

Compra e venda de frutos secos

Depósito de farinhas e padaria

:: : Mercarias e cereais :: :

ALBUFEIRA — ALGARVE

: Avelino Corrêa Tomé :

Fazendas nacionais e estrangeiras
Chapéus, calçado e grande
variedade em artigos para brindes

■
VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

ALBUFEIRA

■
(ALGARVE - PORTUGAL)

SOCIEDADE BRITO, L.^{DA}

Fábrica de conservas de sardinha

:: : Cêrco de pesca a vapor :: :

Marcas registadas { **SABOUR BRAND**
MNEMOSYNE

Albufeira - Algarve - Portugal

MERCEARIA, FARINHAS, CEREAIS,
— AZEITE, —
VINHOS E LICORES

■
Mercearia Central Albufeirense, Lim.^{da}

■
Algarve

ALBUFEIRA

ATRAVÉS DAS PROVÍNCIAS

MONTEMOR-O-VELHO

NÓTULAS HISTÓRICAS SOBRE A VILA

POR

EMÍDIO C. REBÊLO

(Fot. do sr. Abel Brandão).

ESTA importante povoação foi fundada, segundo alguns escritores portugueses e castelhanos, no ano 2104 do mundo, 1900 antes do nascimento de Jesus Cristo, e julga-se ter sido uma cidade de alguma importância durante o domínio romano.

Ocupada pelos árabes em 716, foi tomada pelo rei de Leão, D. Ramiro I, no ano 848, isto é, passados 132 anos após a sua fundação.

Naquela época, como sucedeu a quasi todas as povoações da Lusitânia, em consequência das sucessivas lutas dos romanos, gódos e árabes, ficou Montemor arruinada.

Reedificada pelos governadores de Coimbra, em nome de D. Afonso VI de Castela, coube depois em doze ao Conde D. Henrique, pai de D. Afonso Henriques.

Pela estanteante beleza dos vastos e belos campos que a circundam, e onde o Mondego corre silenciosamente por entre margens verdejantes que lembram policrônicas fachadas de sonho, assim como pelo delicioso panorama que se avista do castello ao suave reflexo do crepúsculo, Montemor-o-Velho é, como não podia deixar de ser, admirada pelos turistas e querida dos pin-tores.

Entre as coisas mais notáveis que possui e que logram desde logo captar as simpatias do visitante, a primeira delas é a que já referi — o castello. De aspecto imponente, situado numa elevação sobranceira à vila, as suas ameias e cubelos avistam-se de quasi toda a parte.

Dentre os seus vários templos, o melhor é a igreja dos Anjos, de architectura manuelina. E' nesta igreja que está o belo túmulo do célebre crônista Diogo de Azubuja e ainda o de Fernão Pinto.



MONTEMOR-O-VELHO — Igreja de Santa Maria-de-Alcáçova, fundada há 814 annos

Outros edificios importantes, de construção antiga ou recente, seria fastidioso para o leitor enumerar. Citamos, no entanto, ao acaso, os Paços do Concelho, o Hospital e o Mercado.



MONTEMOR-O-VELHO — Lavadeiras no Mondego

Todos os quinze dias se realiza na vila uma feira bastante concorrida em que apparece mais ou menos em abundância a que o concelho produz.

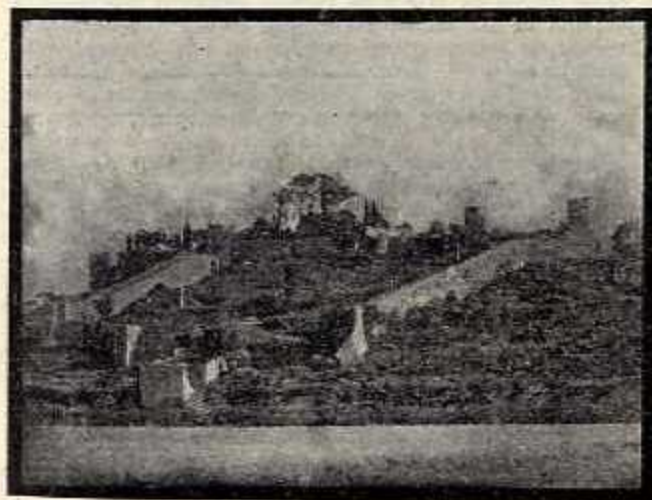
Porém, a feira mais importante é a que principia em 8 de Setembro e se prolonga por mais dois dias. Na véspera, chegam das povoações próximas ranchos de raparigas, a quem a lida diária na vida saudável dos campos não consegue entristecer, e que, com os seus trajes característicos, cantando, acompanham os tocadores de harmónio.

As cantigas fervilham no ar, declamando o amor e a paixão nas suas variantes saudosistas.

E' nesta feira que, embora mal, ainda aqui se lobriga o Portugal antigo, com todo o seu tradicionalismo tão gracioso — esse Portugal antigo que tantas e tão fundas raízes deixou vincadas no etnos desta região.

2—XI—924.

EMÍDIO C. REBÊLO.



MONTEMOR-O-VELHO — Vista do Castello

"ALMA NOVA"

é a única revista de propaganda de todas as terras portuguesas

MANUEL DIAS

Portela — TENTÚGAL

CEREAIS, VINHOS, AZEITES E OVOS

Aos melhores preços do mercado, encarrega-se de fazer expedições :: para toda a parte do país ::

GUIMARÃES

Povoação de tradições históricas gloriosas, esta cidade é uma das terras portuguesas mais belas e mais justamente admirada pelos turistas.

Berço de reis, como D. Afonso Henriques; de bispos, como os de Milão (San-Simpliciano), de Burgos (D. Bernardo de Ataíde), Astorga, Avila, Portalegre e outros; de pontífices,

mesmo, e do actual bispo de Bragança e Miranda (D. José Leite de Faria); de homens notáveis, como Gil Vicente — ela impõe-se, por todos os títulos, à estima da nação.

A região em que está situada Guimarães é extremamente fértil, como aliás toda a província do Minho. Um belo jardim público adorna a cidade, que já possui boa iluminação eléctrica, excelente água de consumo (a da Penha), pura e saborosa, e alguns belos monumentos. Tem em construção vários edifícios e em projecto a erecção duma estátua a Gil Vicente, um moderno hotel e um grande teatro. Faltam-lhe, é verdade, boas repartições públicas, como Recebedoria, Conservatória do Registo Civil, Administração e ainda uma Estação Telégrafo-Postal e um Parque, mas tudo a seu tempo conseguirá, estamos certos.

Entre os seus estabelecimentos de ensino, devemos mencionar o Liceu e algumas escolas.

Possui muitos monumentos religiosos, entre os quais devemos citar a Igreja de San-Miguel, onde, segundo a tradição, foi baptizado D. Afonso Henriques; a Igreja da Insigne Colegiada da Senhora de Oliveira, fundada pela Condessa de Mumadona, esposa do Conde de Tui, D. Hermenegildo Mendes. Alguns anos após a sua fundação, esta igreja foi acrescentada com um castelo e um mosteiro, onde depois de viúva se recolheu a sua proprietária. Nela estava instalada uma colegiada de Cônegos. Não obstante o claustro se encontrar em ruínas, reconhece-se ainda a pureza e a harmonia dos estilos. Foi no Santuário desta Colegiada que D. João I depositou o artístico altar de Aljubarrota, de prata lavrada, tomado aos castelhanos na célebre batalha daquele nome, e o pelote que vestira na mesma jornada. Podem aí admirar-se também alguns magníficos quadros.

Na Igreja de San-Francisco, observa-se um pórtico ogival muito interessante, alguns quadros, dois painéis de belos azulejos, obras de talha e ricos paramentos.

San-Dâmaso foi fundada pelo pontífice do mesmo nome, oriundo desta cidade, em 24 de Setembro de 376.

Jerónimo da Costa ou Santa Marinha, é uma igreja de bela frontaria e magnífica colecção de azulejos.

Há ainda a Igreja da Capela de Santa Margarida; a Igreja da Misericórdia do Hospital e restos dos antigos Conventos dos Capuchinhos, Dominicanas, etc.

O Castelo, fundado pelos romanos, segundo se supõe, também desperta o maior interesse. Foi aí que residiram nos princípios da nacionalidade o conde D. Henrique e D. Teresa, e foi aí também que nasceu o infante D. Afonso Henriques, que foi depois o nosso primeiro Rei. Esse castelo foi mais tarde reconstruído pela Condessa Mumadona. Das suas ameias desfrutava-se, espe-



SILHUETA HISTÓRICA — O Castelo de Guimarães

cialmente da Torre da Menagem, um panorama encantador.

Também não escapam ao observador curioso de antiguidades, as ruínas do Palácio do Conde D. Henrique e as do Palácio dos Duques de Bragança, próximo daquele, mandado construir por D. Afonso, filho de D. João I, e de que uma parte está hoje adaptada a quartel.

Como solares dignos de menção, indicaremos os dos Arrochelas, Machados, Almadas, etc.

Nos subúrbios, Guimarães tem sítios encantadores: *Caldas das Taipas*, a 7 quilómetros de distância, na freguesia de San-Miguel de Caldelas, — célebres pelas suas estâncias termais.

Caldas de Vizela, povoação, a 9 quilómetros de Guimarães. As suas estâncias termais são também de grande nomeada. Encontra-se numa baixa e o seu aspecto é dum pitoresco encantador. Possui muitos hotéis e estabelecimentos termais de primeira ordem.

Monte de Nossa Senhora da Penha, a pequena distância da cidade. Daí se disfruta uma das mais belas paisagens que se podem observar em Portugal. Encontram-se aí várias grutas, Santuários e uma estátua de Pio IX.

Citânia, hoje em ruínas, a 3 quilómetros das Taipas, era uma antiga cidade, donde tem sido retirados vários objectos, actualmente existentes no Museu da Sociedade Martins Sarmento.

San-Torcat, a 5 quilómetros da cidade, possui um belo templo. Anualmente realiza-se aí a feira do nome daquele santo, a qual é extraordinariamente concorrida e de grande brilhantismo no concelho.

Dentro de Guimarães, devem ser ainda mencionadas como obras de arte e de cultura moderna preciosas, a estátua de D. Afonso Henriques (o Rei Negro), monumento de bronze sobre um pedestal de mármore, inaugurado em 1888, obra de Soares dos Reis, e erecto no largo do Toural, onde o Conquistador está de pé e em traje de combate; a Sociedade Martins Sarmento, no extinto Convento de S. Domingos, perto do mercado, fundada em 1884 pelo arqueólogo daquele nome. Com a sua grande biblioteca e museu arqueológico e numismático. Mantém-se esta Sociedade sem qualquer protecção do Estado, e tem prestado valiosos serviços ao extenso concelho de Guimarães. É a promotora da instrução popular no concelho e publica uma excelente revista.

Industrialmente Guimarães, cidade desde 1853, no tempo de D. Maria II, tem-se desenvolvido bastante. E' toda ela, pode dizer-se, uma oficina. Os seus tecidos e cutelarias são tradicionais.

População em que a bondade é apanágio, povo alegre, guerreiro e patriota, gente que produz e que trabalha, bem merecia, pois, que a *Alma Nova*, não lhe demorasse as suas homenagens.

M. SILVA.

TERRAS DO ALGARVE

SILVES

POR

PEDRO M. JÚDICE

(CONCLUSÃO)

V. — Silves como lugar de turismo.
VI. — Indústrias de Silves.

V

Silves, como lugar de turismo

PELO que ficou exposto nos capítulos anteriores, já se conclue que Silves pode impor-se à atenção do visitante ilustre e culto pelas recordações do seu passado. É certo que tem arredores deliciosos, mas para o visitante muito viajado isto não vale muito; é certo que tem uma importante indústria corticeira, mas para quem tem observado os progressos desta indústria no estrangeiro, isto pouco vale; é certo que tem um bom e moderno edifício dos Paços do Concelho e alguns prédios de apreciável arquitectura, mas para quem tem visto as grandes capitis, isto nada vale. Resta portanto o passado histórico, que não pode interessar todos, é certo, que não interessa mesmo à maioria, mas que indubitavelmente interessa à gente culta, e o turismo não é praticado pelos analfabetos, nem pelos semi-analfabetos, podendo dar-se o caso de serem incluídos nestes não poucos doutores espalhados pelo País fora.

Vamos agora dar uma nota do que sob o referido aspecto mais poderá interessar o *touriste*, fazendo referência à Sé, Castelo, Igreja da Senhora dos Mártires e Cruz de Portugal.

Sé

A construção da Sé de Silves é de origem tão remota que não se pode precisar de quando data. Diz a tradição que foi mesquita árabe. É possível que a tivesse havido naquele local, é mesmo possível que no tempo dos romanos já existisse um templo pagão naquele sítio; porém o conjunto do edifício de arquitectura gótica indica-nos que o templo actual é obra de cristãos, e o mesmo se conclue, evidentemente, pelos exames dos brasões de armas que se notam no cruzamento das nervuras na capela-mór e capelas laterais contíguas. As portas que comunicam aquelas capelas com as contíguas são em estilo românico. Uma destas capelas, denominada do Santíssimo, tem parte das paredes revestidas duns azulejos que tem merccimento artístico. Curiosíssimas inscrições se lêem nesta igreja. Transcrevemos apenas duas das principais.

No centro da capela-mór lê-se em gótico: AQUI FOI SEPULTADO O CORPO DO MUITO ALTO E MUITO EXCELENTE PRINCEPE E MUITO PODEROSO EL-REI D. JOHÂ O SEG.º REY DE PORTUGAL E DOS ALGARVES D'ÂQUEM E D'ÂLEM-MAR EM AFRICA, SENHOR DA GUINÉ, CONQUISTA, NAVEGAÇÃO AOS 25 DIAS DE MAYO DE 1435 ETC.

Junto a esta sepultura, do lado do Evangelho, lê-se também em gótico: AQUI JAZ D. FERNANDO COUTINHO, FILHO DE JOÃO DA SILVA E DE D. BRANCA COUTINHO, BISPO QUE FOI NESTE REYNO DO ALGARVE. FALECEU A X DE MAIO. FALECEU D. FERNANDO ERA 1226.

Tem este templo as seguintes dimensões: comprimento 30 metros, sem contar a da capela-mór, que tem 9 metros de comprimento até ao retábulo, largura 16^m,11; a altura da igreja no cruzeiro, incluindo a espessura da abóbada, é 17^m,5. Actualmente esta Sé tem duas portas exteriores, a principal em estilo gótico, e outra ao sul em estilo jesuítico, denominada *Porta do Sol*, vendo-se nesta a data de 1781. No lado da serra, isto é, no norte, houve em tempo a chamada *Porta da Serra*.



SÉ DE SILVES

Em 1925 foi incorporado nos Monumentos Nacionais. Como neste comissão há algumas pessoas que percebem de arte, é possível que às futuras reparações presida critério muito diferente do que tem havido até hoje, pois tem sido cometidos incontestáveis vandalismos.

O *Diário de Notícias* de 15-8-1920, em artigo de fundo diz o seguinte: "...uma das mais belas obras arquitectónicas algarvias — a Sé de Silves... A Sé de Silves, sr. director, é, sem dúvida, uma das mais belas glórias algarvias. Há tempo ela foi visitada por um homem célebre que teve esta frase: *E' uma irmã gémea dos Lusitâneos*. Sim, o ilustre visitante teve mil vezes razão. Aquela, o nosso poema de pedra; este, o nosso poema escrito. E' a razão. Por isso, hoje mais avulta a nossa degradação, pois outro nome não pode ter a indiferença dos governos e dos governados, perante as humilhações que estamos passando no que diz respeito aos nossos monumentos, esses padrões de glória, que nos custaram milhares de vidas, de sacrifícios, de dinheiro.

A velha Catedral de Silves tem tradição, tem beleza e tem história. ¿Pode, porventura, admitir-se que tudo isto se perca? Não.

¿Porque será que o histórico e antiquíssimo templo da Sé de Silves não será incluído no número dos monumentos nacionais, e porque se não há-de tentar ainda renová-lo, restituindo-o às suas linhas primitivas, desobstruindo as suas ogivas da capela-mór e reparar os vandalismos de que a sua arquitectura foi vítima? E' este o pensar de todos aqueles que amam a Arte e este querido cantinho do nosso lindo Algarve.

Castelo

Os restos deste antiquíssimo reduto impõem-se ao respeitoso exame do ilustro visitante, não pela sua alvenaria carcomida pela acção destruidora dos séculos, mas pelo alto significado histórico, pois simboliza pelo menos a 1.ª conquista de Silves no reinado de D. Sancho I, e a reconquista no de D. Afonso III, o que determinou a consolidação do domínio português no Alentejo e Algarve pela posse do quartel general da moirama que naquele tempo era Silves, uma ameaça constante e um permanente motivo de derramamento de sangue cristão. Pena é que naqueles pedras não se en-

contêm algumas inscrições que mais claramente nos salariam de um passado tão brilhante.

Ao norte encontra-se quasi completamente soterrada a histórica *Porta da Traição*. Esta porta é vista completamente da parte exterior do Castelo.

em volta desta cruz, aproveitando parte das grades da praça da frola que acaba de ser demolida, para no seu lugar ser construído o quartel para a secção da Guarda Republicana. Se assim for, é natural que se evitem novos actos de selvageria.

Sobre este cruzeiro é conveniente ler o que a pág. 118 do



O CASTELO DE SILVES (lado oriental)

A Cisterna dos Cães em 17-12-1910 foi medida pelo autor destas linhas, e tinha então 42 metros de profundidade, dos quais 10 representavam a altura da camada de água.

A grande cisterna árabe, que actualmente só recebe as águas pluviais que caem no seu recinto, tem as seguintes dimensões: comprimento 18^m,07, largura 14^m,58 e altura (até à abóboda, não incluindo esta) 6^m,5. A actual escada de alvenaria por onde penetra o visitante que a queira observar, é relativamente recente, pois a sua construção data de 70 anos aproximadamente, segunda informação de pessoa desse tempo. O mesmo indivíduo noticiava que as paredes da monumental cisterna são de taipa muito consistente, idêntica à que ainda hoje se vê em parte das muralhas.

Este Castelo pertence ao Estado, mas está cedido à Câmara Municipal de Silves. No copiadador de officios da Administração do Concelho de Silves referente ao ano de 1844, sob o n.º 32, lê-se o «Auto de posse do antigo castelo» desta cidade à Câmara Municipal da mesma para tratar da sua conservação».

Ermida da Senhora dos Mártires

No dizer dos historiadores e da tradição é do tempo da conquista. Nela há uma inscrição sepulcral referente ao Conde de Odeira, e outra pedra tumular sem inscrição, mas com alguns emblemas.

As cantarias da porta principal são de construção relativamente recente, e é disso prova o seu estilo e a data de 1779 que nela está gravada.

João Baptista da Silva Lopes, a pág. 70 do comentário à *Relação da Derrota*..., diz que esta ermida foi fundada pelo Rei D. Sancho I para celebrar os officios divinos e sepultar os mais illustres combatentes que morreram no cerco. Apesar das dispendiosas remendas que lhe tem sido feitos, do conjunto do edificio resalta a sua antiguidade.

É uma das cinco ermidas que nesta freguesia existiam em 1755. As outras quatro eram a da *Senhora Mãe dos Homens*, dentro da cidade, e as outras, fora da mesma, *São-Pedro* e *São-Miguel*, à vista da cidade, e a de *Santo Estêvão* a uma légua a leste de Silves. Esta última informação sobre número e nome das ermidas consta do *Dicionário Geográfico*, manuscrito formado por 43 grandes volumes, que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Cruz de Portugal

Este cruzeiro é um trabalho precioso, primorosamente rendilhado, não se podendo precisar a época em que foi colocado no local onde actualmente se encontra. Segundo se diz, a actual vereação de Silves está resolvida a mandar colocar um gradeamento de ferro

vol. XXIII, referente a 1918, de *O Arqueólogo Português*, diz o sr. dr. Leite de Vasconcelos.

VI

Indústrias de Silves

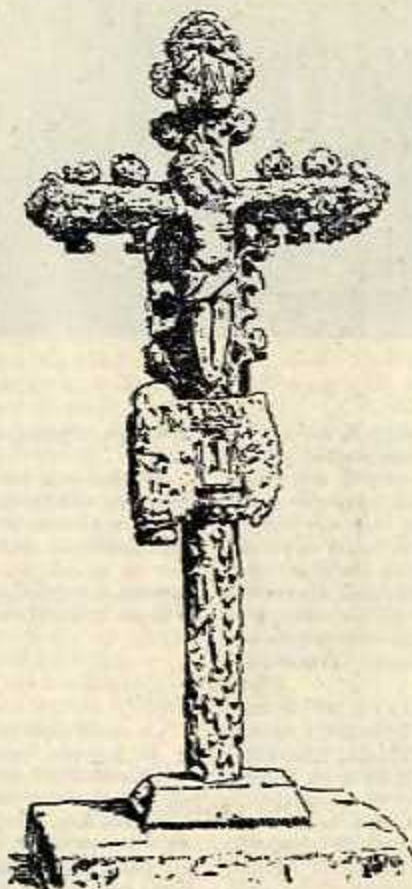
Antes de terminar, digamos algumas palavras sobre a indústria de Silves. A corticeira é a feição mais característica da sua actividade. A vida agrícola e comercial são também dois factores importantes da vida do velho burgo.

Há alguns séculos que a cortiça movimenta esta terra. Isto se depreende do frol de D. Manuel I, um dos poucos documentos antigos existentes no arquivo da Câmara Municipal de Silves, e doutros documentos existentes em tal arquivo, e no da Administração deste concelho; mas o fabrico das rólhas não remonta talvez a mais de cem anos. No ano de 1839 já em Silves havia fabricas de cortiça e de exportação da mesma, como se depreende do officio n.º 106 do copiadador do mesmo ano, existente na Administração do Concelho.

Os mais antigos fabricantes de rólhas, de que se lembram os homens mais velhos que actualmente existem em Silves, foram os dois irmãos Domingos Garcia e Sebastião Garcia, o primeiro dos quais fabricou rólhas nos armazéns que hoje pertencem a herdeiros de José Duarte de Almeida, e o segundo, que também fabricou rólhas, nos armazéns que mais tarde constituiram a instalação de Salvador Gomes Vilarinho, que passaram a seus herdeiros, depois à casa Nunes & Nunes, de Lisboa, e actualmente pertencem à importante firma Manuel Brás Machado & Filho, desta cidade, que nêles exercem esta industria em grande escala, bem como nos pertencentes a herdeiros de José Duarte de Almeida, que lles ficam contíguos.

O referido Domingos Garcia, ou Domingos Garcia Blanco, foi avô de José António Garcia Blanco, individuo finamente educado, falecido há anos, profundo conhecedor do violino, distinto artista e amigo de artistas e poetas, reunindo habitualmente em sua casa uma pléiade d'êles, entre os quais se contava João de Deus, que nesse tempo compôs em Silves algumas das suas melhores poesias.

Nos últimos anos a industria corticeira tem tido grande incremento em Silves, dando origem a grande número de novos ricos. Do commercio também tem saído alguns novos ricos, mas em menor escala. A agricultura tendo enriquecido alguns rendeiros, não tem enriquecido nem empobrecido os proprietários da terra.



CRUZ DE PORTUGAL

A agricultura luta com a grande escassez de chuvas, não chegando a média pluviométrica da parte oriental do Algarve a 500 milímetros anuais, sendo ainda menor a da parte ocidental.

Silves é hoje um dos principais centros corticeiros do país. Para aqui converge cortiça de todo o Alentejo e do Algarve, a qual depois de manipulada é exportada para mercados de todo o mundo em rólhas, aparas, precha, etc.

Vale bem a pena o Estado olhar com atenção para esta indústria, a mais genuinamente portuguesa, o que bem é demonstrado pelo seguinte quadro de produção mundial da cortiça, a qual é avaliada num mínimo de 1.600.000 quintais métricos, assim distribuído:

Portugal	750.000
Espanha	300.000
Francia	150.000
Italia	40.000
Argelia e Marrocos	380.000
	1.620.000

Sabendo-se além disto que a cortiça portuguesa é a melhor de todo o mundo, justo é dizer que é esta a indústria mais genuinamente portuguesa, à qual está reservado um largo futuro no equilíbrio da nossa balança económica, quando impulsionada pelos modernos processos de fabrico, e não esmagada por sucessivos tributos e intermináveis estorvos oficiais.

Silves, Março de 1924.

PEDRO M. JÚDICE.

NOTAS

Dez anos!

De Norberto de Araújo, no «Diário de Lisboa»:

«O cabo Correia que morreu agarrado ao «Foker» com Sacadura Cabral, deixou uma filhinha de dez anos.

Dez anos, e não ter pai! E faz agora tanto frio, e deve estar tão frio o fundo do mar! Arrepio-me quando me lembro, não do mar ou do frio, mas da pequenita de dez anos, que há-de ficar sempre com dez anos, por mais anos que cresça, e há-de ficar sempre a ver o seu pai metidinho na caixa duma máquina de voar e agarrado a ela, operário inocente de aventuras, no fundo sem fundo das águas, a esbracejar, a querer vir ao de cima, a lembrar-se dela, a querer gritar por ela...

Quem sabe mesmo se era por ela que o cabo Correia voava, por ela, pelos seus dez anos, sempre dez anos!

Sinto frio, arrepio de frio, e estou a ouvir, cheinha de frio, a pequenita na sua caminho da praia perto de Aveiro, a perguntar à mãe:

— Então o paizinho, não vem mais?

— Vem, sim, meu amor! Os pais veem sempre que a gente se lembra deles. E' só chorar, e cá nos estão nos olhos!

Que todos os pais que teem uma filhinha de dez anos se lembrem dela, neste inverno ingrato, gelado de egoismos, e atrem para a caminha humilde, onde ela, a esta hora alta que escrevo, agita os bracinhos, aquela esmola em flor que

atirariam para o berço da filha de Sacadura Cabral — se Sacadura Cabral tivesse uma filha.

A' viúva do cabo Pinto Correia foi concedida pelo Governo a pensão de 2.º sargento.

Martinho da Fonseca

Por motivos estranhos à sua vontade, deixa desde hoje de figurar no número dos nossos redactores artisticos este illustre Pintor, que continuará, no entanto, sempre que possa, a honrar-nos com as suas belas produções.

A Martinho da Fonseca, que é um artista de indiscutível valor na nova geração, não podemos deixar de transmitir, com o abraço de despedida, o nosso reconhecimento por todas as provas de carinho que nos demonstrou sempre, não esquecendo assim que foi a «Alma Nova» a primeira revista portuguesa que apreciou devidamente as suas qualidades.

Dr. J. M. de Bettencourt Ferreira

Encontra-se em viagem, com destino a Boston, onde vai exercer as suas funções de Cônsul de Portugal, este nosso querido amigo, que havia regressado há pouco, no gozo duma licença, da América-do-Sul. Do seu novo posto, o illustre diplomata continuará a defender nas nossas páginas os interesses portugueses no estrangeiro.

Os nossos colaboradores



Dr. Manuel Gomes dos Santos.
Oficial do exército e Advogado. É o Presidente do «Núcleo do Ressurgimento Nacional». Carácter lídico e patriotismo sincero.



Dr. Manuel Barbosa Sueiro.
Médico, escritor e político. Tão quanto é devido aos seus méritos. Recentemente defendeu a sua tese inaugural de doutoramento na Faculdade de Medicina de Lisboa, tendo-lhe o júri conferido a mais alta classificação (20 valores). Felicitamo-lo.



Dr. Pedro Mascarenhas Júdice.

Engenheiro agrônomo e investigador algarvio, que tem já publicado alguns curiosos estudos de história local.

UMA PRIMA DE EÇA DE QUEIRÓS

Ao referirmo-nos, no fascículo anterior, ao precioso livrinho «Eça de Queirós revelado por uma ilustre senhora de sua família», edição da «Alma Nova», foi com bastante surpresa que nos colheu a notícia da morte da própria autora. Por falta de tempo não pudemos então dedicar-lhe logo algumas palavras da nossa saudade e muito aprêço, mas imediatamente formulámos o intento de não deixar de cumprir tal dever. Alguém da família da ilustre extinta quis auxiliar-nos nessa missão, respondendo gentilmente a um nosso pedido, com as seguintes curiosas notas biográficas:

«D. Maria da Conceição Infante de La Cerda Pereira d'Eça de Melo era filha de D. Maria da Conceição Infante de La Cerda, irmã do 1.º Barão de Sabroso, e de José António Pereira d'Eça. Por seus pais descendia das mais ilustres famílias de Portugal e Espanha, contando príncipes na sua ascendência.

Ficou viúva ainda muito nova de D. Francisco José de Melo, irmão do último Marquês de Sabugosa, tendo desse matrimónio quatro filhos: António José de Melo, Maria da Conceição José de Melo e Júlio José de Melo, já todos falecidos excepto D. Maria da Conceição José de Melo, casada com o coronel Director Geral dos Serviços Administrativos do Exército, João Carlos de Sousa Schiappa de Azevedo, a quem muito estimava, mostrando desejo, quando se sentiu mais doente, de ir acabar os seus dias junto da filha e das netas que até ao fim a rodearam de carinhos,



D. CONCEIÇÃO D'EÇA DE MELO
(Fotografia tirada em Neuilly, por Eça de Queirós, no jardim da sua pitoresca viranda)

sendo sua enfermeira desvelada até nos últimos momentos sua neta Beatriz, a quem ela muito queria.

Desde muito nova dedicou-se D. Conceição de Eça às letras, sendo a leitura o seu passa-tempo favorito, conhecendo a fundo tanto a literatura portuguesa como francesa, sobre cujos estudos falava com facilidade, não se eximindo a discussões com homens de ciência, o que muito a deliciava, pois tinha a resposta pronta e embaraçosa. Escrevia com brilho, tendo mais de uma vez recebido gentilíssimas cartas de Casti-

lho, cumprimentando-a pelos seus escritos.

Deixa numerosos trabalhos literários publicados em vários jornais e revistas e algumas obras editadas em volume, entre elas: «Conselhos às minhas netas», «Eça de Queirós na intimidade» e um romance histórico ainda por publicar.

Em Paris, onde viveu dois anos, trabalhou muito, sob a direcção de seu primo Eça de Queirós, que muito a apreciava, tendo também feito parte, durante algum tempo, da redacção do jornal feminino a «Fronde».

Todo o trabalho intelectual tinha para ela encanto e já mais a fatigava. Nos últimos meses de vida foi-lhe vedado esse prazer; já nem a leitura a entretinha; o seu sofrimento era constante e só na morte pensava, esperando-a com resignação e fé em Deus de que a sua bela alma de crente deu sempre provas, até que cansada de penar a entregou ao Criador, conservando até ao fim uma lucidez completa de espírito, pedindo os sacramentos que recebeu com fé viva e despedindo-se de todos com ternura.»



CRÓNICA DOS LIVROS



Sombra, por Guilherme de Faria. [Edição do A., Lisboa, 1924. — Muito novo o sr. Guilherme de Faria, inteligência lúcida e alma de poeta, já tem alguns livrinhos de versos que são notas dolentes dum coração que sente profundamente. O livro *Sombra* compõe-se de poemazinhos cheios de cor e versos fáceis que agradam a quem os saboreia. Por todo ele roça a asa negra da tristeza, umas vezes disfarçada em pomba mansa, outras vezes revelando-se dum pessimismo doentio. A musa do poeta, que ensaia já largos vãos, tem para mim um grande valor — é sincera.

Numa das suas composições, Guilherme de Faria diz que «sabe apenas sorrir». Não é verdade. O sorriso aparece-lhe nos lábios sem exprimir contentamento. Gostaria que a Mocidade educasse o seu coração na alegria pura, sã-dia. A alegria é a vida, o grito de vitória do organismo. Mas, se bem que pense assim, não posso criticar o poeta por fazer versos tristes. Boileau escreve:

Chacun pris en son air est agréable en soi.
Ce n'est que l'air d'autrui qui peut déplaire en moi.

Guilherme de Faria põe a sua alma nos livros, o que é um mérito em todas as Artes.

«Rien est beau que le vrai, le vrai seul est aimable.»

já lá dizia também o grande Boileau.

Alguns sonetos, por João Cabral do Nascimento. Edição do A., Lisboa, 1924. — O soneto foi sempre uma composição difícil, — poemazinhos onde se cantam ideias nobres. Por isso todas as literaturas são pobres neste género poético. No entanto o soneto tem muitos cultores. Não há novato nenhum que não ensaie a sua musa com aquela composição clássica, produzindo versos que a crítica não pode deixar de verberar. Essas apreciações desfavoráveis intimidam muitas vezes os novos amadores da poesia, obrigando-os a quebrar a sua lira, o que talvez se não desse se tivessem tentado os seus primeiros passos com outras formas poéticas.

Estas palavras não se podem, porém, aplicar ao sr. João Cabral do Nascimento, de quem já conhecíamos outras produções excelentes, pois os seus sonetos revelam uma técnica firme e um convívio amigável com as musas. De versos esculturais, parnasianos, conceituosos, são filosóficos e de imagens fortes. Nelas canta o poeta a natureza e a poesia das coisas com invulgar elevação. Um exemplo:

Aquelas mãos de lívida fúria,
que vibram e estremeçam e se enfusam;
aquelas mãos de lírio onde se cruzam
elos azuis numa corrente mansa;
aquelas mãos, que trazem à lembrança
promessas vão que tudo e nada cessam;
e nas palmas ofertam e recusam
como uma esfera de ouro uma esperança;
mãos de princesa dum império eslav;
velas perdidas sobre o oceano bravo;
perdidas velas entre um mar de escolhas;
tão finas, longas, pálidas, esguias...
Ah! são as mãos transiêntes e frias
com que a ilusão anda a fechar-me os olhos.

João Cabral do Nascimento enfileira, com o presente livrinho, no restrito número dos verdadeiros sonetistas modernos.

JOSÉ GUERRILHO MURTA.

Contos para crianças, por Branca Lopes. Edição de Maranus, Porto, 1924. — As escritoras portuguesas estão a enveredar pelo bom caminho — de educadoras da infância. Se há apostolado digno, nenhum como esse.

Ainda há poucos meses aqui nos referimos a um esplên-

dido livrinho de contos para crianças, da autoria duma illustre professora portunense, e já hoje nos vamos referir a outro, duma outra senhora. Este como aquele, só merecem o nosso aplauso. D. Branca Lopes Martins, a feliz autora deste último, podemos assegurar desde já que encetou a sua carreira de escritora com um invulgar êxito de livraria. Os seus contos, inspirados em motivos tradicionais, têm a impólos elegância literária, conceito filosófico, simplicidade e interesse. Mesmo os adultos hão-de lê-los com encanto. *D. Silvana*, o primeiro, é duma naturalidade descritiva e ao mesmo tempo duma penetração sentimental e estética que não podemos deixar de aplaudir. *A Miséria e a Morte*, *O Astucioso*, *Acerturas de Qui-qui-ri-qui* e *A Bela Clarinda* — os restantes contos do livro — são outras tantas belas peças literárias, onde a imaginação popular, tradicionalizada em elementos folclóricos, apenas forneceu o motivo ao espírito inventivo da escritora, que conseguiu verdadeiras criações.

Roberto Nobre foi bastante feliz nas ilustrações que fez para este livro, sendo suficientes, para o consagrar como artista, alguns dos seus desenhos dos contos *O Astucioso* e *A Bela Clarinda*.

Contos para crianças faz parte da «Colecção Ressurgimento» da Biblioteca da Alma Nova.

A Bóca da Esfinge, novela por Eduardo Frias e Ferreira de Castro. Editora, Bertrand, Lisboa, 1924. — Ferreira de Castro e Eduardo Frias são dois escritores novos que muito orgulham já a geração a que pertencem. Ambos têm publicado alguns trabalhos bastante originais, e apreciados, e ambos se assemelham muito na maneira de escrever e de sentir. Deste parentesco espiritual nasceu a novela com o título acima.

A Bóca da Esfinge, eles próprios o dizem, é um pouco o drama íntimo da vida dos seus autores; mais, é o drama íntimo da vida de quantos têm um Sonho e desejam atingi-lo. Para construir este drama, reuniram Eduardo Frias e Ferreira de Castro copioso avião de ideias, ideias felizes para a consecução dos seus fins — interessar o leitor, escrever uma curiosa novela —, embora nem sempre de harmonia com outros, não menos para atender — edificar, moralizando.

Encarada artisticamente, *A Bóca da Esfinge* é uma novela emocionadora, cheia de imprevistos, bem conduzida, e escrita na maneira forte, revolucionária, quasi tempestuosa, de Dostoiévski, Dickens, Rosny (Ainé) e outros. Capa de Bernardo Marques, muito original.

M. M.

Outros livros e publicações periódicas

Quem canta..., por Manuel Caetano de Sousa. Editora, Livraria Palma e Fazenda, Lina., Faro, 1924. Formosas redondilhas de sabor patriótico, que mais demoradamente apreciaremos, quando tratarmos das obras poéticas do autor. Edição cuidada. Capa de Raül Carneiro.

Alma do Cirurgião (estudo psicológico), por Jean Louis Faure. Versão autorizada de Alvaro Colação. Ed. do A.; dep. Livraria Bertrand, Lisboa, 1924. Livro curioso, de profunda análise psíquica e de notável elegância literária.

O Trajo Popular em Portugal nos séculos XVIII e XIX, por Alberto de Sousa. (Tomo 8). Monumento gráfico de trajes e costumes portugueses. O A. vai publicar o vol. dos séc. XII a XVII. Dep. Portuguesa — Lisboa.

Nação Portuguesa, Revista mensal de cultura nacionalista. Director: António Sardinha; Secretário: Manuel Múrias; Editor e proprietário: José Fernandes Júnior. — N.º 1, 3.ª série. Lisboa, 1924.



TEATRO • MÚSICA • CINEMAS



PEÇAS E REPRESENTAÇÕES

Não tem sido das mais felizes em originais portugueses a corrente temporada teatral. O *Nacional* e o *S. Carlos*, que são, inegavelmente, dois dos nossos melhores teatros, muito nos prometeram, é certo, mas até à data apenas pudemos apreciar, no primeiro destes, como novidade, a curiosa peça que Américo Durão intitulou «Ave de Rapina». Desta nos ocuparemos.



A distinta actriz LUCÍLIA SIMÕES, uma das maiores figuras femininas do teatro português.

Anunciou-nos a Companhia Lucília Simões, no S. Carlos, logo no começo da época, um novo original de Ramada Curto («Noite de Casino»), «O Abismo», de Augusto Navarro, «Perdoui-nos, Senhor», de Vasco de Mendonça, e «Portugal», de José Almada Negreiros. Até à data só representou, porém, traduções. Tem, no entanto, a empresa exploradora do S. Carlos, sabido escolher os seus originais traduzidos, o que já não é pouco. «Madame Flirt» foi uma reposição feliz.

Outra empresa que tem mantido brilhantemente os seus créditos, explorando a tradução, é a do Teatro Politeama: «E' preciso viver» (tradução do espanhol), é uma comédia felicíssima que tem levado a admirar o

belo trabalho da sua principal protagonista, D. Alice Rey-Colaço, pode dizer-se, Lisboa inteira. Desde a acção até à intenção, tudo aí é, de facto, de molde a dispor bem e a garantir um êxito.

No S. Luis, esteve de novo a grande cancionista espanhola *La Goya*, que tornou a embruxar meia Lisboa. Seguiu-se neste teatro a conhecida opereta de Franz Lehar — «A dança das Libélulas».

A completar os espectáculos da célebre artista espanhola, representou-se no San-Luis um gracioso «Sketch» — T. S. F. — de José Paulo da Câmara e Feliciano Santos, os apreciados autores da linda opereta «As Andorinhas», que se representou o ano passado, e dois dos nossos mais talentosos humoristas.

A Companhia Armando de Vasconcelos, prometem representar durante a corrente época, as seguintes operetas, no San-Luis, além das que ficam nomeadas e alguns originais portugueses. São elas: «Benanjou», «A Bailadeira» e «A Vitoriosa».

Trindade. — Este teatro, depois da sua reabertura, tem tido já algumas noites de verdadeiro triunfo. A célebre Companhia de revista espanhola, que nele esteve no último ano, foi um dos seus colossais êxitos. Actualmente trabalha nêta uma bela actriz, Palmira Bastos, que lhe fará, de-certo, reviver as suas tradições.

Coliseu dos Recreios. — Dispertou grande interesse no público alfacinha o trabalho do arrojado domador de feras Banglioni com os seus oito leões. Os espectáculos d'este grande Circo são sempre curiosos e cheios de emoção. A Companhia que nêta trabalha, actualmente, é das melhores.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

San-Carlos. — Companhia Lucília Simões, às 9 h. 30.
Nacional. — José Ricardo, Ilda Stichini, Ribeiro Lopes, etc., às 9.30.

San-Luis. — Companhia de opereta Armando de Vasconcelos, de que faz parte a actriz Auzenda de Oliveira, às 9 horas.

Trindade. — Companhia de comédia e opereta Palmira Bastos, às 9.15.

Politeama. — Companhia Alice Rey Colaço-Robles Monteiro, comédia e drama, às 9.30.

Avenida. — Companhia Satanela-Amarante, de que faz parte Nascimento Fernandes, opereta e rev., às 9.15.

Eden. — Companhia de revista, às 9.30.

Apolo. — Opereta e revista, às 9.15.

Coliseu. — Companhia de Circo, às 9 horas.

Salão-Pez. — Animatógrafo e Variedades, às 14.30 e às 20.30.

CINEMAS

Tivoli. — Luxuosamente apetrechado, foi aberto, recentemente, na Avenida da Liberdade, este novo cinema, que é hoje a mais confortável e uma das melhores casas cinematográficas do país.

NOTAS SUBSIDIÁRIAS

para uma

Bibliografia portuguesa da Grande Guerra

pelo Tenente JOSÉ BRANDÃO

1.ª PARTE. — OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS. — TÍTULO I. — LIVROS (PROSA)

(CONTINUAÇÃO)

- 128 **Pinheiro** (Beatriz) — «A Mulher Portuguesa e a Guerra Europeia» — folh. 24 p. (0,090×0,152), Tip. de Eduardo Rosa, Lisboa, 1916. Edição da «Associação de Propaganda Feminista». (Conferência realizada no Liceu de Maria Pia, no dia 8 de Junho de 1916).
- 129 **Pontes** (José) — (Capitão-médico) — «Mutilados portugueses. Narrativas de guerra e estudos de reeducação» — 190 p. (0,035×0,143), Impr. Libânio da Silva, Lisboa, 1918. Edição da Livr. Guimarães & C.ª, Lisboa.
- 130 **Idem** — «Mutilados da Guerra. (Conferência inter-aliados para a sua reeducação)» — 176 p. (0,090×0,135), Centro Tipográfico Colonial, Lisboa, 1917. (Compilação de artigos publicados no jornal de Lisboa «A Capital»).
- 131 «**Portugal e o conflito europeu.** Medidas para atenuar a crise económica, desde 2 de Agosto de 1914 a 30 de Junho de 1917» — 384 p. (0,090×0,150), Imprensa Nacional, Lisboa, 1918.
- 132 «**Portugal e o conflito europeu.** Medidas para atenuar a crise económica, desde 1 de Julho a 31 de Dezembro de 1917» — 203 p. (0,090×0,150), Imprensa Nacional, Lisboa, 1919. (Este volume e o anterior são, na sua maior parte, compilações de decretos publicados no «Diário do Governo»).
- 133 **Quintinha** (Julião) — «No fim da guerra» — folh. 43 p. (0,083×0,133), Ventura Abrantes, Lisboa, 1917.
- 134 **Ramos** (Abílio Pais de) — (Capitão de Cavalaria) — «Alocução patriótica aos soldados de Cavalaria n.º 5, em homenagem aos Soldados Desconhecidos» — folh. 11 p., Évora, 1921.
- 135 «**Revista de Artilharia.** Número comemorativo da acção da Artilharia Portuguesa na Grande Guerra» — 187 p., c. il. (reprodução dum quadro de Sousa Lopes), il. com reproduções de quadros do mesmo, fotografias e mapas, Tip. do Arsenal do Exército, Lisboa, 1924. Edição da «Revista de Artilharia», Lisboa.
- 136 **Ribeiro** (Joaquim António de Melo e Castro) — (Alferes miliciano de Artilharia, do 3.º G. B. A. do C. E. P.) — «Na Guerra. Depoimento dum voluntário» — 160 p. (0,078×0,135), Impr. Libânio da Silva, Lisboa, s. d. (1920). Edição da livr. Portugal-Brasil Limit.ª, Lisboa.
- 137 **Ribeiro** (Rafael) — «Preparação de Portugal para a Guerra» — 119 p. (0,078×0,135), Tip. França Amado, Coimbra, 1916. Edição da Livr. França Amado, Coimbra.
- 138 **Rocadas** (José Augusto Alves) — (General) — «Relatório sobre as operações no Sul de Angola em 1914» — 350 p., il. com mapas (0,090×0,166), Imprensa Nacional, Lisboa, 1919.
- 139 **Roma** (Bento Esteves) — (Major de Infantaria, do Bat. de Inf.ª 13 do C. E. P.) — «Os portugueses nas trincheiras da Grande Guerra» — 58 p. (0,079×0,136), il., c. il. com retrato do Autor, Tip. Lusitana, Lisboa, 1921. Edição da Cruzada das Mulheres Portuguesas. Com um prefácio de Leal da Câmara. (Conferência feita na Escola Militar em propaganda da ideia da construção da Aldeia Portuguesa na Flandres, em 15 de Maio de 1920).
- 140 **Sá Cardoso** (Alfredo Ernesto de) — (Coronel de Artilharia, Comandante de Artilharia da 1.ª Divisão do C. E. P.) — «Padrões da Grande Guerra. Discurso proferido na sessão solene comemorativa do 9 de Abril, realizada na Escola Militar» — folh. 15 p. (0,083×0,127), Tip. Central, Porto, s. d.
- 141 **Santos** (Anastácio José dos) — (1.º sargento enfermeiro hípico, do 2.º G. B. A. do C. E. P.) — «Correspondência e memórias dum tropa que esteve na zona de guerra» — folh. 82 p. (0,113×0,175), il. e c. il. com fotografias de militares do C. E. P., Tip. de «A Tribuna», Porto, 1922. Edição do Autor.
- 142 **Seabra** (Eurico de) — «A guerra, Portugal e as potências (Política nacional e internacional)» — 285 p. (0,085×0,140), Tip. da Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1915. Edição da mesma Parceria. Dividida em duas partes (Parte II, cap. I: «A nossa intervenção armada no conflito europeu e as razões pró e contra essa intervenção»; cap. II: «A defesa militar do país e os elementos de índole económica, política e social da nossa força internacional»).
- 143 **Silvio Pélico Filho** — «A obra de Tácito «Os Anais» e a Guerra Mundial. O espírito do Patriotismo Latino e da Arte em Tácito» — 99 p. (0,090×0,154), Impr. Académica, Coimbra, 1919. Edição da livr. França & Arménio, Coimbra. Dividido em 3 partes e 14 capítulos, dos quais especial-

- mente interessam ao assunto: A civilização clássica e a civilização germânica; A civilização anglo-saxónica-americana e a civilização latina; As origens do antagonismo entre a Raça Latina e a Raça Germânica, segundo «Os Anais» de Tácito; O heroísmo invencível da Raça Latina; O génio Latino e o génio Germânico. O significado da guerra actual. A eterna rivalidade. Igualmente o prefácio do Autor: «Palavras simples».
- 144 **Simões** (Luís José)—(2.º Tenente-maquinista condutor)—«200 milhas a remos. Narrativa trágico-marítima sobre o feito heróico do caça-minas *Augusto de Castilho*»—79 p. (0,105×0,165), c. il. por Francisco Valença, il. do mesmo, retrato do Autor e fotografias do caça-minas *Augusto de Castilho* e da canhoneira *Ibo*, Tip. da Empresa do «Diário de Notícias», Lisboa, 1920. Edição da mesma Empresa. (Publicado em folhetins no jornal «Diário de Notícias»).
- 145 «**Soldado (Um) português batendo-se... com uma francesa**»—folh. 8 p. (0,085×0,117), c. il., Tip. da Casa Progresso, Lisboa, s. d. Edição da Livraria Barateira, Lisboa (N.º 16 da «Coleção Popular»).
- 146 **Sousa** (Eduardo de)—«O Decebrismo e a sua política na Guerra. (Para a história do Decebrismo. Depoimento duma testemunha)»—117 p., c. il. (0,100×0,166), Tip. da Empresa Literária e Tipográfica, Porto, 1919. Edição da Comp.ª Portuguesa Editora, Porto. (Vol. I da colecção «Portugal na Guerra»).
- 147 **Teles** (Basilio)—«A Guerra. (Notas e dúvidas)»—112 p. (0,080×0,131), Imprensa Moderna, Porto, 1914. Edição da Livraria Chardron de Lelo & Irmão.
- 148 **Idem**—«O flagelo dos mares. (Cartas)»—308 p. (0,081×0,136), Renascença Portuguesa, Porto, 1918.
- 149 **Idem**—«Hora crítica»—86 p. (0,090×0,136), Imprensa Civilização, Porto, 1916. Edição da Biblioteca Portuguesa, Porto, 191... (Tem 2.ª edição, do mesmo ano, acrescida de Notas).
- 150 **Idem**—«Convite e resposta»—108 p. (0,091×0,135), Imprensa Civilização, Porto, 1917. Edição da Biblioteca Portuguesa, Porto.
- 151 **Idem**—«Acquaviva»—100 p. (0,092×0,135), Imprensa Civilização, Porto, 1917. Edição da Livraria Civilização, Porto.
- 152 **Idem**—«A situação militar europeia»—104 p., Porto, 1915.
- 153 **Idem**—«A Inglaterra pacifista»—folh. 55 p., Porto, 1916.
- 154 **Idem**—«Na Flandres. O episódio militar de 9 d'Abril»—folh. 86 p., Porto, 1918. (Dividido em 3 partes, tratando na 1.ª da 55.ª Divisão inglesa, na 2.ª do sector e da Divisão portuguesa e expondo na 3.ª parte as Conclusões. Muito interessante e elucidativo para o estudo do assunto por publicar documentos curiosos, entre os quais a «ordem de batalha» alemã de 6 d'Abril).
- 155 **Tovar de Lemos**—(Capitão-médico)—«A Reeducação Profissional dos nossos Mutilados de Guerra»—(0,086×0,162), il. com fotografias, s. l., Lisboa, 1918. Edição da Comissão de Enfermagem da Cruzada das Mulheres Portuguesas. (Vendido em benefício das obras de assistência da C. M. P.ª).
- 156 **Trancoso** (Francisco)—«Angela. Memória (Trabalhos da Comissão Executiva da Conferência da Paz)»—90 p. (0,110×0,165), Ofic.ª do Museu Comercial anexo ao Instituto Superior de Comércio, Lisboa, 1920.
- 157 **Varela** (Bernardino)—«O Comércio Português na actual situação internacional»—(112 p., il. com mapas e gráficos (0,100×0,160), Tip. Pereira, Porto, 1917. Edição do Autor (Conferência promovida pela Junta Patriótica do Norte e realizada no Centro Comercial do Porto em 19 de julho de 1917. Com notas adicionais).
- 158 **Vaz** (João Abel Rebocho)—(Tenente de Infantaria, do Bat. de Inf.ª 24 do C. E. P.)—«Ossadas da guerra»—197 p., c. il. (0,090×0,150), Tip. Minerva Central, Aveiro, 1921. Edição do Autor.
- 159 **Vila-Mura** (Visconde de)—«Pão Vermelho. Sombras da Grande Guerra»—62 p. (0,082×0,134), Empresa Industrial Gráfica, Porto, 1923. Edição da Renascença Portuguesa, Porto. (É o vol. I da «Novela Mensal»).
- 160 **Vitorino** (Pedro)—«A catedral de Reims. No primeiro aniversário do maior vandalismo de todos os tempos»—fol. 39 p., il. (0,090×0,165), Imprensa Nacional de Jaime Vasconcelos, Porto, 1915. Edição da Livraria Portuense de Lopes & C.ª, Porto.
- 161 **Xico Brás** (pseudónimo de Artur de Matos)—«Postais da Guerra. Impressões dum soldado em campanha»—75 p. e 1 s. n., c. il. (0,068×0,111), s. l. Edição da Biblioteca do Povo (Henrique Tórrès), Lisboa, s. d. (1918).

(Continua — «TÍTULO II — Livros (verso)».)

JOSÉ BRANDÃO.

FIM DO VOL. II

(3.ª SÉRIE)

INSTITUTO NACIONAL DE ENSINO POR CORRESPONDÊNCIA

L. TRINDADE COELHO, 6

— LISBOA —

Cursos de Escriuração por partidas simples e
dobradas, Contabilidade, correspondência
:: comercial e prática de comércio ::

A duração dos cursos depende do tempo que o
aluno puder dispensar ao estudo, sendo possível fa-
zer qualquer d'elles em 3 meses, ou em menos tempo.

Não é necessário sair de casa nem prejudicar as
ocupações habituais. Resultados superiores aos que
se obtêm geralmente no ensino em classe. Matrícula
em qualquer dia do ano. Diplôma no fim dos cursos.

O I. N. de E. por Corresp., fundado em Janeiro
de 1919, tem alunos em todo o continente, ilhas, co-
lônias, Brasil, E. U. da América e outros países.

Peçam os prospectos que são fornecidos
gratuitamente com todos os esclarecimentos
para a matrícula

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{da}



Rua da Rosa 273
LISBOA
TEL - NORTE - 3538

PEQUENOS ANÚNCIOS — ÚTEIS E ECONÓMICOS — CADA LINHA 2 ESCUDOS

REPRESENTANTES Pedem-se. Trabalho fá-

cil; grandes lucros:

Escrever G. Carasso, 48, Rue Centrale,

LYON — FRANCE

"La Pensée Latine" :: Publicação mensal :: ÚNICA revista literária

francesa com colaboração em Português.

PEDIDOS AO DR. M. A. PEREIRA DA SILVA

R. Almeida e Sousa, 53 r/c D.º — LISBOA

LER, ASSINAR E PROPAGAR A

"VOZ DE COIMBRA"

é integrar-se no movimento regiona-
lista e contribuir para a expansão
das reclamações da região beira:

PEDIDOS AO DR. M. A. PEREIRA DA SILVA

R. Almeida e Sousa, 53 r/c D.º — LISBOA

"NAÇÃO PORTUGUESA"

Revista Mensal de Cultura Nacionalista

Director: António Saruinha

Secretário: Manuel Mota

Editor e Proprietário: José Fernandes Júnior

Red. e Adm.: R. Bento Sá, 7-1.º — LISBOA

Telefone C. 27

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS DESENHO — CÓPIA DE MÚSICAS TRADUÇÕES E GRAVURAS

■ EXECUTAM-SE ■

COM RAPIDEZ, PERFEIÇÃO E ECONOMIA
NA EMPRESA "RESSURGIMENTO"

:: EDITORA DA "ALMA NOVA" ::

"A REVISTA" Grande publicação mensal inter-

nacional. — Edição portuguesa.

PEDIDOS AO DR. M. A. PEREIRA DA SILVA

R. Almeida e Sousa, 53 r/c D.º — LISBOA

"LUSITANIAE" Revista de História, Arte :: e Literatura ::

PUBLICAÇÃO MENSAL

PEDIDOS AO DR. M. A. PEREIRA DA SILVA

R. Almeida e Sousa, 53 r/c D.º — LISBOA

Faz a Barba?

Em casa ou no barbeiro, homens e ra-
pazes, usem sem o

PILOR VERITAS

(Marca registada)

Loção contra a fogueira e ardor causado
pela navalha de barba.

Cicatrizante poderoso, que amacia, re-
fresca e desinfecta a pele, evitando FOLI-
CULITES, SICOSIS e outras infecções.

Com a sua aplicação pode fazer a barba
todos os dias sem o menor incomodo.

DEPÓSITO

Mendes & Braga, Lim.^{da}
FARMACÊUTICOS

133, Rua do Mundo, 135 — LISBOA

BIBLIOTECA DA "ALMA NOVA,"

(EDIÇÕES RESSURGIMENTO)

Pedidos à C. João do Rio, 8-1.º — Lisboa

- Sangue d'Epopeia — A Artilharia Portuguesa na Flandres, por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia. 1 vol. ilustr., broch., 5\$00; carton. . . 15\$00
- De Portugal à Flandres, id., broch. . . 1\$00
- Sinfonia Macabra — Máximas da Kultur, id., id. 1\$00
- Minha Pátria — Poema em 3 livros e 3 jornadas, id., id., 2.ª edição, broch., 3\$00; carton. . . 7\$50
- Cantigas (2.ª edição), por RENELO DE BETTENCOURT. 1 vol. broch. . . 2\$50
- Odes de Anacreonte, por LUÍS CALADO NUNES . 2\$50
- Campanhas Camilianas, por OLDEMIRO CÉSAR e CRUZ MAGALHÃES. 1 vol. broch., com il. de Rafael Bordalo . . . 5\$00
- A Entrevista, por CRUZ MAGALHÃES. 1 op. il. . 1\$50
- O Inverosímil — Conferência Proibida, original do insigne escritor e moralista LORDE PECHINCHA DE NADAVALE (CRUZ MAGALHÃES). . . 2\$00
- A Educação Moral — Pelos exercícios de redacção, (com a metodologia deste ensino), por JOSÉ GUERREIRO MURTA . . . 4\$00
- Da Verdade, por JOÃO JOSÉ GOMES . . . 3\$50
- O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo, por SAAVEDRA MACHADO; edição de luxo, formato grande e profusamente ilustrada (a entrar no prelo).
- Eça de Queirós — «Revelado por uma ilustre senhora de sua família» (D. C. D'EÇA DE MELO) 3\$00
- Contos para crianças por D. Branca Lopes, ilustr. 8\$00
- (Os assinantes da Alma Nova tem 20 % de desconto).

CAMPANHAS
CAMILIANAS

— POR —

OLDEMIRO CÉSAR

— E —

CRUZ MAGALHÃES

(Com ilust. de Rafael Bordalo)

Vol., broch.: 5\$00

(Nas remessas pelo correio mais \$50)



Camilo Castelo Branco

Livraria Sá da Costa

Poço Novo, 24

2, Travessa do Convento de Jesus, 6
LISBOA

Telef. C. 3841.

Livros de estudo e em todos os géneros

Depositária das edições da "ALMA NOVA"

:: CHÁ ::
"CORREANA"SABOROSO
ECONÓMICO
SAUDÁVEL

Peçam sempre chá "Correana"

JAIME HINTZE

PRODUTOR

Ribeira Grande — San-Miguel — AÇORES

.. LIVRARIA ..
Ventura AbrantesLIVROS NOVOS E USADOS
GABINETE DE LEITURA

Rua do Alecrim, 82 — LISBOA

Litografia
MATATrabalhos litográficos
em todos os géneros.Os mais baratos
por serem os mais perfeitos.FABRICO DE CARTAS DE JOGAR
GERMANO & C.ªCartas para todos os jogos, em cartão de linho
transparente, coucho e algodão.Jogos da Glória, Assalto, Dominó, Loto, etc. Venda avulsa
de rótulos para licores, xaropes, aguardentes, etc.

Escritório Central — R. da Madalena, 60 a 70 — Lisboa

TELEF. 3623 - C.

Officinas — R. do Barão, 2 a 4, à 2.ª (Edifício próprio)

TELEF. 6177 - C.

ENCADERNAÇÕES
: DE LUXO E SIMPLES :

Preços sem competência

NA

"ALMA NOVA"

C. João do Rio, 8-1.º — LISBOA

Portugal Químico

A APARECER
BREVEMENTE

ÚNICO JORNAL QUÍMICO Português

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Administração

R. Almeida e Sousa, 53 r/c-D.º — LISBOA

"Comércio e Indústria"

JORNAL MENSAL

Para defesa do Comércio e Indústrias Nacionais

Assinaturas: Ano (12 n.º) 10 Escudos

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. Almeida e Sousa, 53 r/c D.º — LISBOA

ASSINE E RECOLHA ENTRE OS SEUS AMIGOS ASSINATURAS PARA A "ALMA NOVA"

: Todo aquele que obtiver uma nova assinatura tem o desconto de 20 por cento na sua :